



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RAFAEL MACHADO MENESES

A COMPLEXIDADE DO JOGO DE BOLA
COM OS PÉS: FUTEBOL

Campinas

2010

RAFAEL MACHADO MENESES

**A COMPLEXIDADE DO JOGO DE BOLA
COM OS PÉS: FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de Bacharel
em Educação Física.

Orientador: Paulo César Montagner

Campinas

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Meneses, Rafael Machado.

M524c A complexidade do jogo de bola com os pés: futebol / Rafael Machado
Meneses. -- Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Paulo César Montagner
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Jogo. 2. Complexidade. 3. Futebol. I. Montagner, Paulo César. II.
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III.
Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Complexity of the game Ball with the feet: soccer.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Game; Complexity; Soccer.

Banca Examinadora: Marcy Garcia Ramos; Paulo César Montagner; Roberto Rodrigues Paes, Sérgio Stucchi.

Data da defesa: 22/06/2010.

RAFAEL MACHADO MENESES

**A COMPLEXIDADE DO JOGO
DE BOLA COMOS PÉS: FUTEBOL**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação defendido por Rafael Machado Meneses e aprovado pela Comissão julgadora em: 22 / 06 / 2010.

Prof. Dr. Paulo César Montagner
Orientador

Profª Drª Marcy Garcia Ramos

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Campinas
2010

Dedicatória

À minha mãe, pelo carinho e apoio constante na busca pelos meus sonhos.

Ao meu pai, às vezes distante, mas sempre presente dentro de mim, dando-me muita força para continuar.

À mulher da minha vida que não poupou esforço e amor para realização deste trabalho, a todo o momento me faz acreditar e sonhar ainda mais.

A todos que me proporcionaram situações de aprendizado, experiências, decepções, satisfações, alegrias e tristezas, altos e baixos... Sem vocês, minha vida não teria o mesmo significado, muito menos, seria quem sou.

Muito obrigado!

Agradecimentos

Redigir um Trabalho de Conclusão de Curso exige grande dedicação, muito envolvimento, seriedade e responsabilidade naquilo que se faz. É um trabalho árduo, porém não é difícil quando feito com paixão, por amar e acreditar naquilo que se escreve. O tempo passa depressa, num piscar de olhos, entramos num estado de êxtase, às vezes deliramos e até extrapolamos alguns limites. Mas logo a razão toma conta e “voltamos” para um lugar além de onde partimos.

Nesse caminho, diversas pessoas passaram em minha vida e contribuíram para o presente trabalho: *“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem; Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”* (Fernando Sabino). Como forma de carinho e retribuição, a tudo que fizeram por mim, gostaria de agradecer:

A Todo Corpo Docente do Curso de Educação Física da UNICAMP, pessoas maravilhosas e super competentes que, me proporcionaram uma formação acadêmica de qualidade, durante todos esses anos.

À Professora Doutora Mara Patrícia, a querida Mara, pelas inúmeras contribuições dentro do âmbito acadêmico e também fora dele, confiando no meu trabalho e me recomendando. Por todas as vezes que se prontificou a me ajudar e pelo enorme carinho que sempre me tratou.

À Professora Doutora Elaine Prodócimo, por ter me dado a oportunidade de participar na disciplina de jogos como um monitor (PAD), uma experiência muito valorosa. Além de seu enorme carinho e conhecimento transmitido ao longo de toda graduação.

À Professora Doutora Marcy Ramos, pela compreensão, respeito e carinho que sempre me tratou, nas disciplinas de estágio obrigatório e agora na de monografia.

Ao Professor Doutor Sérgio Stucchi, o querido Serginho, por ter me proporcionado oportunidades únicas dentro da faculdade, contribuído demais para o meu crescimento, sempre com as portas abertas e disposto a ajudar. Seu sorriso, sua simplicidade e generosidade me inspiram e fazem te admirar.

Ao Professor Doutor Roberto Rodrigues Paes, o querido Robertão, pelas inúmeras contribuições e aprendizado ao longo de suas disciplinas. E também por ter aceitado de imediato o convite para fazer parte da banca.

Ao Professor Doutor Paulo César Montagner, o querido Cesinha, meu orientador, que desde o primeiro instante aceitou me auxiliar na confecção deste trabalho, pela confiança e paciência para administrar meus pensamentos conflituosos e meu gênio forte. E também pelos inúmeros favores concedidos, como diretor da FEF/UNICAMP, sempre fazendo o possível para me ajudar.

Aos Funcionários da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, que não vou nominá-los, para não cometer a indelicadeza de esquecer alguma dessas pessoas formidáveis, sempre dispostas a ajudar e fazendo o melhor que lhes é cabível.

Ao meu grande amigo Eduardo Barros, que demorei a conhecer, porém tamanho o *rapport* que estabelecemos e as inúmeras semelhanças que apresentamos, sei que é uma pessoa que posso confiar, meu guru. Obrigado, por abrir as portas do PFC, pelos ensinamentos no dia-a-dia, pela confiança que deposita em mim e por ser meu amigo.

Ao meu grande amigo Renato Buscariolli, ao meu lado todos esses anos de faculdade, parceiro de confidencias, desabafos, conquistas... Um cara dotado de um coração enorme, que ampliou meus horizontes para um novo mundo, com ponderações e conselhos que guardo para vida toda. Obrigado Mestre.

Ao meu grande amigo e irmão Rafael Carnevalli, não nascemos irmãos de sangue, mas nos encontramos para sermos irmãos na vida, um cara inteligente, um amigo incondicional, que apesar do meu desleixo nunca se esquece de mim e está sempre disposto a me ajudar.

Aos meus queridos pais, Vladimir e Marilea, por me educarem e me incentivarem a realizar meus sonhos, sendo meus exemplos e minha base de sustentação. Aprendi com eles sobre honra, caráter, respeito, fé, persistência (nunca desistir) e tantas outras que eles nem sabem... Mas tenho certeza que sabem que os amos demais e sou grato por toda vida.

Aos meus irmãos, Ricardo, Giovani e Beatriz, por toda compreensão e pela paciência que têm com o irmão mais velho. Procuo ser o melhor que posso, mas sei que estou longe de ser o que gostariam que eu fosse, só quero que saibam uma coisa, amo vocês.

À senhorita Gabriela Cristina Gröbe, minha linda mulher, que depois de seis anos afastados, o acaso nos faz reencontrar e a roda gigante nos encantar, até o momento de selar aquilo que será eterno, o tão esperado e desejado, o primeiro beijo. Para em seguida abriremos um sorriso enorme e gostoso, compartilhando toda nossa alegria e felicidade: *“O sorriso é a manifestação dos lábios quando os olhos encontram o que o coração procura...”*. Sou muito feliz por ter te reencontrado e viver ao seu lado. Obrigado pelo carinho, respeito, atenção, companheirismo, dedicação e fazer tudo por mim. Te Admiro e Te Amo Demais, meu TALISMÃ!

*Perguntei a um sábio,
a diferença que havia
entre amor e amizade,
ele me disse essa verdade...
O Amor é mais sensível,
a Amizade mais segura.
O Amor nos dá asas,
a Amizade o chão.
No Amor há mais carinho,
na Amizade compreensão.
O Amor é plantado
e com carinho cultivado,
a Amizade vem faceira,
e com troca de alegria e tristeza,
torna-se uma grande e querida
companheira.
Mas quando o Amor é sincero
ele vem com um grande amigo,
e quando a Amizade é concreta,
ela é cheia de amor e carinho.
Quando se tem um amigo
ou uma grande paixão,
ambos sentimentos coexistem
dentro do seu coração.*

William Shakespeare

MENESES, Rafael Machado. **A complexidade do jogo de bola com os pés: futebol**. 2010. Trabalho de Conclusão (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

Pensando numa metodologia de ensino/treinamento desta modalidade, visando o alto nível, a partir de uma idade ideal, vamos discutir sobre uma especialização pautada na Pedagogia do Jogo. Acreditando que a melhor forma de aprender a jogar futebol, é jogando, só assim vamos dar conta da complexidade do Jogo de Futebol e entender de uma vez por todas como se inter-relacionam e influenciam no andamento uma da outra, as quatro dimensões do futebol: física, técnica, tática e psicológica. Partimos inicialmente então, conceituando o que é jogo, recorrendo à filosofia, para compreendermos este complexo fenômeno, pois entendemos que apresentando as bases teóricas dos jogos de bola com os pés compreenderemos como se dá o processo organizacional sistêmico dos jogos, fundamental para a metodologia de ensino/treinamento do futebol pautada em jogos. Em seguida, caracterizamos o futebol enquanto jogo desportivo coletivo, citando alguns autores que abordam o ensino desses jogos, enfatizando a tática (o pensar) como meio de aprender estas modalidades. Ressaltando que o pensamento complexo é indispensável para a modalidade em questão, rompendo de vez com a forma tradicional de conceber o treinamento (tecnicista), que fragmenta os treinos em sessões: técnicas, físicas e táticas. Depois, buscamos deixar claro que a prática esportiva pode ser uma ferramenta muito importante no desenvolvimento humano e um olhar simplista pode atrapalhar a evolução do atleta futebolista (não contribuindo para sua formação, não potencializando seu aprendizado e muito menos otimizando seu tempo de preparação). Por isso mostramos que existem fatores interventivos na aprendizagem (pedagogia, metodologia e didática), essenciais no processo de ensino/treinamento de uma modalidade, que propiciam um ambiente de aprendizagem, maximizando o aprendizado. Através desse ambiente, rico em estímulos e capaz de instigar um pensar, quem joga explora suas potencialidades e assimila conhecimentos graças à participação do professor. Após fazer uma discussão sobre os métodos de treinamento, percebemos que uma metodologia de ensino e treinamento pautada na Pedagogia do Jogo, mostra-se como a mais adequada para o processo de especialização no Futebol. Parte das bases teóricas dos Jogos de Bola com os Pés e contempla a Complexidade emergente, permitindo que todas as dimensões do jogo (física, técnica, tática e psicológica) se manifestem simultaneamente no aluno/atleta, de forma integral e interada, formando um jogador inteligente de corpo inteiro.

Palavras-Chaves: Jogo, Complexidade, Futebol e Especialização.

MENESES, Rafael Machado. **Complexity of the game ball with the feet: soccer.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

Thinking about teaching or practicing methodology on soccer and ordering the high level, from the ideal age, this paper discusses a specialization based in Methodology of the game. Believing that the best way to learn how to play soccer, it is playing, just so we realize that the whole complexity of the game of soccer to understand once and for all how they relate and influence the progress of each other, the four sessions of soccer: physical, technical, tactical and psychological. Then, initially we started conceptualizing what is game, resorting to philosophy, to understand this complex phenomenon, because we believe that presenting the theoretical basis of ball games with feet to understand how the process of systemic organizational games, fundamental to the methodology of teaching or training on soccer guided games. And then we characterize the football game while team sport, mentioning some authors that approaches the teaching of these games, emphasizing the tactic (thinking) as a means of learning these modalities. Emphasizing that complex thinking is essential for the sport in question, and breaking up with the traditional way of designing training (technical), which fragments the training sessions: technical, physical and tactics. Then, we make it clear that sports can be a very important tool in human development and can disturb a simplistic look at the evolution of football player (not contributing to their education, not increasing its learning and optimizing its much less preparation time). Therefore we show that there are factors in interventional learning (pedagogy, didactics and methodology), essential in teaching and training a number of methods that provide a learning environment to maximize learning. Through this environment, rich in stimuli and capable of instigating a thinking, who plays explore their potential and assimilates knowledge through the involvement of the teacher. After making a discussion about training methods, we realize that a teaching methodology and training based in the Pedagogy of the game, shows up as the most suitable for the process of specialization in soccer. Part of the theoretical basis of the Games with Ball Feet contemplates the emerging complexity, allowing all aspects of play (physical, technical, tactical and psychological) to manifest both in the student/athlete, in an integral and interactive, forming an intelligent player whole body.

Keywords: Game, Complexity, Soccer and Specialization.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Fatores Interventivos na Aprendizagem (adaptado de SCAGLIA, 2003)	63
Figura 2 - Ambiente de Aprendizagem no Futebol (adaptado de SCAGLIA, 2003)	76
Figura 3 - As engrenagens das Competências Essenciais (adaptado SCAGLIA, 2003)	89
Figura 4 - Representação Esquemática de um Jogo Geral	90
Figura 5 - Representação Esquemática de um Jogo Conceitual em Ambiente Específico	91
Figura 6 - Representação Esquemática de um Jogo Específico (mostrando a Defesa)	92
Figura 7 - Representação Esquemática de um Jogo Específico (mostrando o Ataque)	93

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PFC	Paulínia Futebol Clube
JDC	Jogos Desportivos Coletivos
FJBP	Família dos Jogos de Bola com os Pés
SCN	Sistema Nervoso Central
TGFU	Teaching Games For Understanding
TLP	Treinamento a Longo Prazo
CEAF	Centro de Estudos Avançados em Futebol

SUMÁRIO

1. Introdução.....	14
1.1. Trajetória do Autor.....	14
1.2. Apresentação do Estudo.....	17
1.3. Justificativa.....	19
1.4. Objetivos do Estudo.....	20
1.4.1. Objetivo Geral.....	20
1.4.2 Objetivos Específicos.....	20
1.5. Metodologia do Estudo.....	21
2. Revisão de Literatura.....	23
2.1. Jogo.....	23
2.2. Bases Teóricas dos Jogos de Bolas com os Pés.....	28
2.3. Futebol enquanto Jogo Desportivo Coletivo.....	31
2.4. Complexidade: o novo paradigma.....	37

2.4.1. Dimensão Física.....	42
2.4.2. Dimensão Técnica.....	47
2.4.3. Dimensão Tática.....	51
2.4.4. Dimensão Psicológica.....	55
2.5. Desenvolvimento Humano a partir da prática esportiva.....	59
2.5.1. Fatores Interventivos na Aprendizagem.....	62
2.5.2. Pedagogia.....	64
2.5.3. Metodologia.....	67
2.5.4. Didática.....	70
2.5.5. Ambiente de Aprendizagem no Futebol.....	74
2.6. Métodos de Treinamento no Futebol.....	78
2.7. Formando um Jogador Inteligente de Corpo Inteiro.....	86
3. Conclusão.....	95
4. Referências Bibliográficas.....	99

1. Introdução

1. 1. Trajetória do autor

Em 2005, quando ingressei na Faculdade de Educação Física, gostava muito de praticar esportes, tinha muitas vivências em diferentes modalidades esportivas. Mas um deles era muito especial, uma grande afinidade, um prazer inexplicável de praticá-lo, uma vontade insaciável de jogá-lo, o Futebol. Talvez somente mencionando Johan Huizinga (1999) para o crítico leitor entender essa minha paixão, ter uma visão mais científica e conseqüentemente mais aprofundada:

“A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo.”
(HUIZINGA, 1999, p.5)

No começo da graduação tive uma disciplina, Pedagogia do Movimento I: Jogos, que me despertou para o significado desta palavra, *jogo*, que é utilizada de maneira muito ampla, devido aos inúmeros sentidos e também porque transcende seu significado comum. “*O ato de jogar é que revela o jogo e ele existe através de suas manifestações*” (FREIRE, 2001, p.35). Também sabemos que o jogo possui muitas incertezas; permite complexas interações entre os elementos do jogo, onde o acaso e as regras são seus elementos; possui muitas possibilidades; vive de fenômenos aleatórios; e só é jogo porque é imprevisível, estando aí sua essência. Sendo assim, “*o jogo é um sistema complexo num ambiente (contexto) também complexo*” (LEITÃO, 2009, p.41).

Em seguida, outra disciplina me chamou atenção, Jogos Coletivos, onde estudei autores como: Claude Bayer, Jocimar Daolio, Júlio Garganta e Amândio Graça. E

comecei a perceber que Jogos Desportivos Coletivos (JDC) eram um meio formativo por excelência, devido ao ambiente rico, repleto de possibilidades, que proporcionam. Além disso, as inúmeras manifestações e situações que ocorrem no decorrer dos jogos desencadeiam uma série de problemas, que vão ter que ser resolvidos pelos jogadores, bem como o uso da inteligência ou das inteligências (GARDNER, 1994), entendida como a capacidade de adaptação às novas situações.

No quinto semestre de graduação tive a oportunidade de começar a me envolver mais com o ensino dos jogos desportivos coletivos, fazendo estágio em uma escolinha de esportes. Foi aí que pude comprovar na prática que, os JDC permitem uma transferência de conhecimentos e aprendizado entre eles na hora do seu ensinamento, de acordo com as experiências que os jogadores têm quando jogam. E esta aprendizagem é facilitada quando o jogador identifica uma estrutura semelhante do outro jogo, já conhecida. Assim, é papel do educador propor estruturas semelhantes dos jogos coletivos para que o jogador possa compreendê-las e se apropriar delas mais facilmente, de forma que ele internalize o conhecimento (BAYER, 1994, p.32).

No terceiro ano de faculdade comecei a treinar times de futsal e futebol de campo, de faculdades e institutos da própria UNICAMP, que disputam torneios universitários. Foi então que “mergulhei de cabeça” e aprofundei meus estudos, para poder dar conta de tamanha missão, ensinar e treinar, mulheres e homens, universitários, a jogar futebol. Pois ensinar é muita responsabilidade, todos que ensinam sabem disso, é trabalho pesado, *“umas das mais difíceis e estafantes tarefas humanas”* (FREIRE, 2003, p.3).

A palavra futebol significa jogar com os pés, pois deriva da palavra de origem inglesa *football*, tendo como significado “foot” para pé e “ball” para bola. O futebol tem regras que o caracterizam como jogo. Jogado em qualquer lugar do mundo, respeitando-se oficialmente estas regras, desde a sua invenção, ele traz à tona problemas para serem resolvidos. O objetivo desse jogo é marcar mais gols que o adversário, sendo então necessário conduzir a bola (objeto de disputa) até a meta adversária, para marcar o gol.

Logo, o jogo futebol poderia se enquadrar num grupo de jogos, em que diferentes guardam semelhanças entre si, se apropriando do conceito de família, devido às características similares e mesma origem. A família dos jogos de bola com os pés reúne todos os jogos realizados com a bola nos pés, tanto os já existentes, quanto os que a cada segundo são

criados, nos campinhos e quadras, pelo mundo a fora. E ao se aprender qualquer um destes jogos estar-se-á contribuindo de maneira efetiva e sistêmica para o aprendizado de todos os jogos pertencentes ao universo desta Família (SCAGLIA, 2003).

No quarto ano de formação acadêmica comecei a fazer estágio em um time de futebol da região, um novo clube formador de jogadores. Com uma visão bem diferente da tradicionalista, mostrou-me que para entender as incertezas advindas do jogo, compreender as bases teóricas da família dos jogos de bola com os pés é de fundamental importância para observarmos como se dá o processo organizacional sistêmico dos jogos e, ao mesmo tempo, justificar uma metodologia de ensino e treinamento do futebol pautado na pedagogia do jogo (FREIRE & SCAGLIA, 2003).

No tempo que joguei futebol, desde escolinhas até clubes de futebol, meus treinos sempre foram analíticos, ou seja, com uma preocupação exagerada com a técnica. Além de uma total fragmentação: com treinos táticos descontextualizados, posicionamento previamente estabelecido pelo treinador, reprodução de deslocamentos aos “berros” do treinador, “marcação de mentirinha” (sombra), jogadas ensaiadas sem marcação; treinos técnicos sem um ambiente de jogo, repetição exaustiva dos fundamentos (gesto técnico), geralmente individual ou em pequenos grupos; e treinos físicos cansativos, feitos em separado, totalmente inespecíficos, corridas e exercícios muito longes do que acontece no jogo.

No Paulínia Futebol Clube (PFC) encontrei profissionais com uma visão a respeito de futebol bem diferente da que estava acostumado, baseada num pensamento acadêmico, procurando se solidificar cientificamente. Totalmente oposta da tradicionalista: simplificadora, reducionista, fragmentada e tecnicista, que ainda impera nos dias de hoje na maioria dos ambientes “futebolísticos”.

1.2. Apresentação do Estudo

O ensino e treinamento da modalidade futebol, ainda hoje (começo do século XXI), são voltados para a técnica, com exercícios analíticos, sem situações-problema do ambiente de jogo para serem resolvidos pelos jogadores (sem estímulos à inteligência). O futebol nunca foi tão fragmentado, com momentos de treino técnico, momentos para treino tático e momentos de treino físico, ou seja, “*para **aguentar** o jogo, treina-se o físico*”; “*para **executar** o jogo, treina-se o técnico*”; “*para **movimentar-se** no jogo, treina-se o tático*” (LEONARDO, 2008). Daí o surgimento de diversos especialistas na mais diferentes áreas (especialista na parte técnica, especialista em preparação física, especialista em goleiros, especialista em nutrição, especialista em fisiologia...) se gabando de uma multidisciplinaridade, pelo envolvimento de diversas áreas. Mas totalmente isoladas e desconexas uma das outras, não se privilegiando nem de uma interdisciplinaridade, quem dirá um método transdisciplinar (ZAGO, 2009).

Pelo o mundo a fora, tem se discutido no meio do futebol, novas metodologias de ensino e treinamento para aprimorar estes métodos: aperfeiçoando a formação, potencializando o aprendizado e otimizando o tempo de preparação, principalmente no meio acadêmico. Porém, aí está outro problema, o distanciamento entre a teoria e a prática, devido a algumas propostas acadêmicas serem consideradas muito teóricas, distantes da realidade prática e imediatista que o futebol exige. Falta bom senso, para que haja a compreensão de que a teoria só faz sentido se ela for prática e o inverso também é verdadeiro, são uma coisa só, dando significado uma a outra.

Assim, com um olhar voltado para o todo, partindo do microscópico para o macroscópico, do fragmento para o complexo. Essa pesquisa busca entender o Jogo (Teoria dos jogos) do ponto de vista da complexidade (Teoria da Complexidade), passar pelas bases teóricas das famílias de jogos de bola com os pés (Teoria dos Ecossistemas), compreender como se dá o processo organizacional sistêmico dos jogos (Teoria Sistêmica) e como lidar com a imprevisibilidade (Teoria do Caos).

O presente estudo vai discutir metodologias de ensino e treinamento no Futebol visando debater e divulgá-las. No intuito de despertar um pensamento complexo a cerca

do referido tema, pois a falta dele pode causar danos evidentes e irreversíveis aos alunos/jogadores no seu processo de formação integral (Seres Humanos). Tentando assim, ampliar a visão que as pessoas, num geral, têm a respeito do Futebol, informando que os treinos/aulas de Futebol são muito mais que o “achismo” que eles escutam nos bares, na televisão, nas rodas de conversa...

Pretende-se também, neste trabalho de conclusão de curso, fazer uma discussão a cerca de uma metodologia de ensino e treinamento para especialização (formação) esportiva no futebol, pautada na Pedagogia do Jogo. Vislumbrando uma possível ruptura paradigmática (do cartesiano à complexidade), com exercícios que são fractais (representações que contenha o todo) do jogo, de modo que todas componentes do jogo (física, técnica, tática e psicológica) se manifestem simultaneamente, de forma integral e interada. Em busca de um jogador inteligente de corpo inteiro.

1.3. Justificativa

O futebol é atualmente o esporte mais disputado no Brasil, praticado por milhões de pessoas, homens e mulheres, em qualquer idade, tamanha a paixão nacional. Sendo um dos esportes mais praticados e conhecidos do mundo, temos o privilégio de sermos reconhecidos mundialmente e considerado o País do Futebol, devido aos importantes títulos conquistados e os inúmeros jogadores que daqui surgem todos os anos.

Como um apaixonado e praticante desde os sete anos de idade, convivi dez anos com uma bola, seja nas brincadeiras de rua, no quintal de casa, no clube, na praia com amigos, nos campos e quadras de escolinhas e clubes de futebol, vivenciando jogos adaptados, treinamentos, amistosos e competições em busca de um sonho que, era o mesmo da maioria dos meninos da minha idade, ser um jogador de futebol de alto nível.

Ainda apaixonado e praticante desta modalidade única, porém com um novo sonho, não poderia deixar de fechar esses anos de muito aprendizado, numa das melhores faculdades do Brasil, com um trabalho de conclusão de curso que não fosse a respeito daquilo que tanto estudo e quero seguir profissionalmente, rumo ao meu novo sonho.

Durante todo esse tempo jogando e agora na graduação fazendo estágios em escolinhas e clubes de futebol, comandando equipes universitárias percebi que a metodologia de ensino e treinamento do desporto futebol aqui no Brasil, precisa ser urgentemente revista e atualizada. Esta conclusão foi construída ao longo da graduação, graças aos inúmeros conhecimentos adquiridos na faculdade e nos lugares onde tive oportunidade de estagiar.

Ao longo de toda minha trajetória no meio “futebolístico” conheci inúmeros treinadores/professores, alguns formados em Educação Física, outros, ex-atletas da modalidade ou, meros apaixonados pelo esporte. E o que pude perceber foi uma visão pouco complexa a respeito do jogo de futebol, uma visão muito aquém daquilo que o jogo propicia e é em sua essência. Por isso, pretendo com este trabalho aprofundar conhecimentos, buscando compreender como se dão os processos organizacionais sistêmicos deste jogo, além de suas origens, estudando as bases teóricas dos jogos de bola com os pés, para assim justificar uma metodologia de ensino e treinamento no futebol.

1.4. Objetivos do Estudo

1.4.1. Objetivo Geral

Pretende-se com este trabalho discutir uma metodologia de treinamento para especialização esportiva no futebol, pautada na pedagogia do jogo, sustentada por um pensamento complexo, buscando na literatura integrar e entender as quatro dimensões do futebol: física, técnica, tática e psicológica.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Mostrar ao leitor as bases teóricas dos jogos de bola com os pés, para assim, entender como se dá o processo organizacional sistêmico dos jogos e, ao mesmo tempo, justificar a metodologia de ensino e treinamento do futebol aqui discutido;
- Deixar claro que a falta de um pensamento complexo, a cerca da modalidade em questão e a fragmentação dos treinamentos, pode atrapalhar a evolução do atleta futebolista (não contribuindo para sua formação, não potencializando seu aprendizado e muito menos otimizando seu tempo de preparação);
- Debater, estudar e divulgar idéias junto aos profissionais das áreas a respeito de estruturação e treinamento no futebol, visto que a necessidade de atualização de conhecimento é extremamente presente na nossa sociedade e na “esfera futebolística” não é diferente;
- Ampliar a visão que o torcedor tem do futebol, informando aos que não vivem a programação semanal de um clube de futebol que, o treinamento diário é bem mais do que o "achismo" que ele assiste e ouve da arquibancada, do sofá da sala e nas rodas de conversa entre amigos.

1.5. Metodologia do Estudo

Nesse tópico serão discutidos aspectos referentes à metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa, ou seja, a partir de um pensamento reflexivo a cerca dos objetivos propostos, qual o caminho científico (procedimentos técnicos e métodos) utilizados para encontrar as respostas das questões propostas neste estudo. A classificação da pesquisa e a apresentação dos métodos científicos, utilizados neste estudo, permitem esclarecer o planejamento da pesquisa e execução do trabalho (LAKATOS & MARCONI, 1992).

Existem diversos autores que discutem a metodologia do trabalho científico, possuem diferentes classificações, abordagens e terminologias para o mesmo elemento. Este estudo vai utilizar Lakatos e Marconi (1992) como referencial teórico para a sua construção metodológica. De acordo com esses autores a pesquisa pode ser definida como um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que objetiva proporcionar respostas a problemas propostos.

Segundo esses autores, toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos, meios ou técnicas empregadas. No caso deste estudo, o processo para obtenção de dados se dá por meio da **documentação indireta**, que se serve de informações coletadas por outras pessoas, podendo constituir-se de material já elaborado ou não. E acontece por meio da **pesquisa bibliográfica** (ou de fontes secundárias), que Lakatos e Marconi (1992) definem como:

“A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundarias é a que especificamente interessa a este trabalho. Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com objetivo de permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”. A bibliografia “pertinente” oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente.” (LAKATOS & MARCONI, 1992, p.43)

Essa explicação do que é e qual a finalidade da pesquisa bibliográfica nos permite compreender que a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por isso pode ser considerada “*como o primeiro passo de toda a pesquisa científica*” (LAKATOS & MARCONI, 1992, p.44). Assim, a pesquisa bibliográfica terá importância significativa como técnica metodológica para o desenvolvimento da pesquisa e solução dos problemas apresentados neste estudo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (memória recapitulativa), mesmo sendo baseado em dados de segunda mão, não é uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, pois propicia o exame e análise de um tema sob um novo enfoque e/ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Dessa forma, haverá a necessidade de conceituar o que é Jogo, compreender as Bases Teóricas dos Jogos de Bola com os Pés e realizar uma contextualização sobre o processo histórico do Treinamento entendendo o esporte moderno sob o prisma da Complexidade. Por fim, transferir toda essa discussão para um Processo de Ensino/Aprendizagem/Treinamento, dentro de uma Especialização Esportiva de Excelência, formar um Jogador Inteligente sob uma nova perspectiva de organização do treinamento para Futebol aqui no Brasil.

2. Revisão de Literatura

2.1. Jogo

*“O homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra,
e somente é homem pleno quando joga” (Schiller)*

Para dar início a este trabalho precisamos primeiramente entender o que é jogo, o que ele representa na sociedade, o que significa e quais suas interfaces e características, seguindo uma linha de pesquisa pautada no pensamento complexo, pois *“é como totalidade que devemos procurar avaliá-lo e compreendê-lo”* (HUIZINGA, 1938).

O jogo está envolvido com diversos fenômenos sociais, por isso já foi objeto de investigação em outras áreas do saber humano: psicologia, filosofia, biologia, sociologia, pedagogia, literatura, ciências exatas, artes... No interior das Ciências do Esporte (Educação Física) alguns autores como Kishimoto e Huizinga já tentaram definir o que é jogo, deparando-se com um imenso problema:

“Existem termos que por serem empregados com significados diferentes acabam se tornando imprecisos como o jogo, o brinquedo e a brincadeira. A variedade de jogos conhecidos como faz-de-conta, simbólicos, motores, sensório-motores, intelectuais ou cognitivos, de exterior e interior, individuais ou coletivos, metafóricos, verbais, de palavras, políticos, de adultos, de animais, de salão e inúmeros outros mostra a multiplicidade de fenômenos incluídos na categoria jogo.” (KISHIMOTO, 1998, p.1)

A palavra jogo é utilizada em diversos sentidos, transcende seu significado comum, não é passível de uma definição exata, lógica, biológica ou estética. *“No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação”* (HUIZINGA, 1938, p.4). Para entendê-lo então, teremos que nos contentar descrevendo suas características:

“[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatória, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.” (HUIZINGA, 1938, p.33)

O fenômeno cultural jogo, graças ao seu “mundo” irreal, possibilita ao jogador liberdade de expressão, se mostrar da forma que quiser, pois o jogo é lúdico. O prazer decorrente do jogo faz com que o jogador tenha satisfação de jogar, viver plenamente aquele momento, seja pelo impulso de auto-superação, ou na busca por mais prazer.

Segundo Johan Huizinga, em seu livro “*Homo Ludens*” de 1938, o jogo é uma forma de manipulação da realidade, não é vida corrente, nem real. Por isso, ele é um meio de liberdade de expressão do ser que joga, evidenciando aí seu caráter lúdico. Porém, no âmbito do jogo, existem dois pólos que o limitam: o êxtase e a frivolidade. Pois se o jogador extrapolar o êxtase (prazer, emoção, deslumbre), deixa de jogar, assim como se encarar o jogo com frivolidade (desprezo).

Para melhor embasar este trabalho, pensando numa metodologia de ensino/treinamento do futebol pautada em jogos, recorreremos a Teoria dos Jogos, buscando melhor elucidar para aqueles que trabalham com jogos, como é importante conhecermos a fundo essa teoria. Evitando erros metodológicos, indo contra a uma prática adestradora de movimentos específicos fora de contexto de jogo (tecnicista). Por isso, é primordial conhecermos todas as características do jogo e, por conseguinte, seu ambiente.

De acordo com a Teoria dos Jogos todas as manifestações de jogos (brincadeiras, esportes, lutas, danças...) podem ser compreendidas como atitude de jogar, pois “*o jogo é antes de tudo uma ação humana pautada por uma intenção*” (SCAGLIA, 2003). Assim, para ser jogo, não basta apresentar uma aparência de jogo (regras, formas e estruturas), ele precisa ser significativo para quem o joga, caso contrário não é jogo.

“O jogo é uma categoria maior, uma metáfora da vida, uma simulação lúdica da realidade, que se manifesta, se concretiza, quando as pessoas praticam esportes, quando lutam, quando fazem ginástica, ou quando as crianças brincam.” (SCAGLIA, 2003, p.33)

O jogador joga porque quer superar o que está sendo colocado em jogo naquele momento (vencer), além de instintivamente buscar uma auto-superação (fortalecer seu ego), intrínseco no ser humano (competição). Mas o que move o jogo de verdade é a incerteza, pois ninguém sabe o que vai acontecer, não temos certeza do resultado, por isso é que jogamos.

O ambiente do jogo não admite estraga-prazeres, pois o jogador é consciente que existem regras e limites (temporal e espacial) que devem ser cumpridos para que haja jogo. Mesmo assim, é um meio totalmente imprevisível, por causa das incertezas que o cercam, pelos fenômenos aleatórios que acontecem e por estar constantemente sujeito ao caos, logo, é um ambiente instável.

O autor João Batista Freire, em sua obra *“O jogo: entre o riso e o choro”*, contribui com o pensamento de que o jogo, despretensiosamente, é capaz de envolver o jogador de forma a abduzi-lo da realidade, *“no jogo gasta-se energia sem finalidade aparente, pois não há um compromisso a cumprir com a realidade. O jogador, entregando-se ao jogo, escapa à realidade e aos seus compromissos imediatos, rompe com o tempo cronometrado e participa do eterno”*. E que o jogo é movido pela satisfação, diferentemente do trabalho que é movido por privação (FREIRE, 2002, p.28). Nada melhor, para melhor compreendermos como se dá o envolvimento de quem joga para com o jogo, do que ler as belas palavras do autor:

“[...] a forma não sobrepõe ao conteúdo, mas predomina. Quanto mais o jogador se entrega, mais a forma domina, mais o conteúdo, sem desaparecer, rende-se e a obra torna-se bela.” (FREIRE, p.74)

Freire ainda levanta outra característica importante do jogo, embora possa parecer paradoxal, a seriedade está presente enquanto jogamos. Desta forma, considera que o jogo tem papel importante no processo de formação da criança, citando Jean Chateau para afirmar que, *“o jogo é um mundo à parte e prepara a criança para o futuro”*. Dando o exemplo da escola, que *“também é um mundo à parte e suas tarefas pretendem preparar a criança para o futuro”*. Por último, ele afirma que assim como jogo, toda atividade humana, além do fim em si mesmo (um fim na sua própria realização), também tem outros fins (2002, p.51).

O mundo dos jogos é tão variado e complexo que, ao mesmo tempo em que admite um comportamento lúdico, é encarado com seriedade, talvez aí sua maior virtude. Quando pensamos que temos certeza de alguma coisa, algo incerto surge. Seus elementos se inter-

relacionam de forma que parecem estar em ordem, mas permitindo complexas interações entre eles, proporcionam muitas possibilidades e logo entram em desordem. Assim, o jogo mantém seu caráter imprevisível e se torna jogo, pois aí está sua essência.

Ainda tentando conceituar o que é jogo, do ponto de vista da complexidade, é preciso compreender sua organização identificando-o em seu ambiente (contexto em que ocorre), “*não mais na caracterização infundável de partes que o compõe*” (FREIRE, 2002, p.58). Para a partir daí, perceber como ele se relaciona com os outros ecossistemas e como se adapta. Scaglia (2003) corrobora com os pensamentos supracitados:

“Jogo é um sistema complexo em que seu ambiente (contexto) determinará o que é jogo e não jogo, evidenciando a predominância da subjetividade em detrimento da objetividade, caracterizando o ESTADO DE JOGO - o jogar plenamente.” (SCAGLIA, 2003)

Esse “*estado de jogo*” que o autor menciona, é o jogar plenamente, ou seja, o jogo se revela no ato de jogar (SCAGLIA, 2005). Tudo isso mostra como o jogo é capaz de “absorver” inteiramente o jogador, prendê-lo no jogo, fazendo-o incorporar um “personagem”, vivendo intensamente o “mundo” fictício do jogo. Mas a essência desse jogador permanece a mesma, sendo o jogo capaz de mostrá-la integralmente, sem “cascas” (proteção contra o mundo real), pois “*no jogo as máscaras caem*” e as pessoas se revelam como verdadeiramente são (SCAGLIA).

Essa capacidade de excitar, devido à intensidade do jogo e seu poder de fascinação (HUIZINGA, 1938, p.5) gera tensão no ambiente de jogo: repleto de incertezas (imprevisível); possibilita divertimento e liberdade de expressão (lúdico); suscetível às mudanças, provocando desequilíbrios (instável); e superação do que está sendo colocado em jogo no momento, além da auto-superação que o próprio jogador se impõe (desafiador). Então, em meio ao acaso vai se formando um ambiente totalmente propício e facilitador do aprendizado, tanto para crianças quanto para adultos.

Desta forma, Freire (2002) e Scaglia (2005) propõem o jogo como conteúdo e metodologia de ensino, seja para ensinar esportes, matemática ou qualquer outra coisa. Isso leva a crer que “*o jogo é educativo por natureza*” (SCAGLIA 2005), seja pelos valores e conceitos

implícitos nele, ou simplesmente por seu ambiente fascinador, podendo assim auxiliar na educação.

Após fazer uma reflexão sobre esse ambiente de aprendizagem que o jogo proporciona, lembramos que Kishimoto (1998) destaca a importância de conciliar as duas funções do jogo, a lúdica e a educativa. Sendo que a primeira propicia a diversão, o prazer e até o desprazer quando escolhido voluntariamente. E a segunda ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. Assim, importante ressaltar que o jogo educativo deve ter um equilíbrio entre as funções, pois o desequilíbrio pode fazer com que não ocorra ensino, se houver predomínio da função lúdica, ou o contrário, já que a função lúdica elimina todo o hedonismo, restando apenas o ensino (KISHIMOTO, 1998, p.19).

O jogo, graças ao seu valor educativo, pode ser pensado como método de ensino e treinamento, porém precisa ser compreendido em sua totalidade para que não ocorram equívocos metodológicos. Respeitando as características do jogo, é possível de forma segura e orientada explorar o rico ambiente de jogo.

Pensando nisso, para facilitar o entendimento de como proporcionar um ambiente de aprendizagem ideal através do jogo, nos apropriaremos da proposta de Kishimoto (1998), assumindo a existência de uma “*família de jogos*”, com características em comum, mas também com outras que os diferenciam, mas unidos sempre por alguma coisa. Aqui, no caso a “*família dos jogos de bola com os pés*”, reúne todos os jogos realizados com a bola nos pés, desde a rebatida, linha, um sai, bobinho, entre outros, até o futebol (SCAGLIA, 2003).

2.2. Bases Teóricas dos Jogos de Bola com os Pés

“A estrutura de um sistema é a incorporação física de seu padrão de organização”

(Fritjof Capra)

Os fenômenos chamados de jogo podem ser reunidos em um mesmo grupo (Família de Jogos) e a partir daí dividido em subgrupos, ou sub-subgrupos, de acordo com as características que apresentam (elementos, estruturas, organização, funcionamento...) e complexidade que se quer analisar o fenômeno. Como o tema desta pesquisa é Futebol, vamos nos aprofundar no subgrupo da Família dos Jogos de Bola com os Pés (FJBP), em busca de compreender melhor a organização de suas estruturas sistêmica no ambiente de jogo, para tentar entender as incertezas advindas dele, assim como, diferenciá-los.

Ao propor essa idéia de *“família de jogos de bola com os pés”*, Alcides José Scaglia (2003; 2005) tentou se aproximar do conceito de ecossistemas, *“pois um ecossistema integra os seres vivos – organismos - e os ambientes em que vivem, com suas características peculiares, mais as inter-relações que acontecem intra e entre todos os elementos envolvidos no sistema, gerando constantes modificações e superações, em meio à busca constante do equilíbrio, decorrentes de um ambiente instável”* (SCAGLIA, 2009).

A FJBP é composta por todos os jogos que utilizam predominantemente os pés para se jogar, para conduzir ou finalizar uma bola qualquer. Por isso, existe uma variedade muito grande de jogos que se encaixam nessas condições, além de serem criados tantos outros a cada momento que alguém pensa em brincar com uma bola, pelos campinhos a fora.

A partir de uma visão ecológica, a FJBP é semelhante a todos os ecossistemas do mundo, pois a totalidade das interações e relações entre seres vivos e não vivos, faz com que suas estruturas interligadas e interdependentes sejam influenciadas e influenciem o meio ambiente, preestabelecendo uma coexistência.

Além disso, a ação do ser que joga é carregada de intenção, logo, o jogo tem um significado para quem o joga. Como tudo está integrado, a atitude do jogador vai influenciar em todos os outros sistemas que estão envolvidos, gerando uma reação em cadeia. Por isso, entender as partes é muito importante, porém não podemos perder a noção do todo.

A dinâmica de qualquer sistema pode ser explicada mostrando as relações entre suas partes, mas não podemos perder de vista que o sistema é uma unidade complexa integrada a um ecossistema. As interações entre seus elementos, o tempo todo, faz com que a organização mude constantemente, gerando transformações no todo e proporcionando uma nova realidade (forma, espaço, tempo), de acordo com o padrão de organização. Desta maneira, Scaglia (2009) conclui:

“Assim, posso dizer que o jogo, entendido como sistema, uma unidade complexa, é dotado de um princípio organizador, sendo este princípio evidenciado em meio a uma cadeia de acontecimentos cíclicos e espiralados, que se repetem sempre em níveis superiores, elevando a complexidade do sistema (produzindo diversidade).”
(SCAGLIA, 2009)

Todos os jogos possuem estruturas organizadas, que buscam o equilíbrio e são orientadas pela ação do jogador, que está voltada para o cumprimento da lógica do jogo (vencer). Assim, jogos que apresentam semelhanças, podem ter as mesmas estruturas padrão e uma organização sistêmica semelhante.

O universo da FJBP engloba jogos que: utilizam predominantemente os pés para se jogar (manejo da bola), permitem regras dentro de seu ambiente, confrontam jogadores em busca do cumprimento da lógica, permitem estratégias simultâneas, sofre influências do meio externo... Desta forma, estes jogos possuem as mesmas estruturas padrão, certos grau de similaridade na organização das estruturas e suas interações com os sistemas, “*processo organizacional sistêmico*” semelhante (SCAGLIA, 2009).

Durante a infância, crianças vivenciam uma série de jogos e “brincadeiras de rua”, nos mais diversos locais, nas mais distintas formas. Antigamente muito mais do que hoje, devido à crescente urbanização e suas conseqüências. Entre tantas brincadeiras da nossa cultura lúdica, aquelas que utilizam os pés para chutar uma bola qualquer são praticadas por milhares de crianças, todos os dias. E não me refiro apenas ao futebol propriamente dito, mas sim de todos os jogos de bola com os pés, que existem e são criados a todo o momento.

Como esses jogos fazem parte de um mesmo “nicho ecológico”, ao se praticar qualquer um destes jogos “*estar-se-á contribuindo de maneira efetiva e sistêmica para o aprendizado de todos os jogos pertencentes ao universo da Família dos jogos de bola com os*

pés” (SCAGLIA, 2003, p.136). Assim, todo jogo que faça parte desta família pode ser interessante na hora de ensinar, por exemplo, uma modalidade esportiva que se enquadre neste universo. Pois quanto mais próximo às especificidades do desporto, mais “*transferência de aprendizagem*” (BAYER, 1994) esse jogo proporcionará.

Para o desenvolvimento de metodologias de ensino e treinamento de esportes, pautadas na pedagogia do jogo (valorização da cultura lúdica), é imprescindível um pensamento complexo sobre as bases teóricas dos jogos de bola com pés, para entender o funcionamento e o padrão organizacional dos jogos. Somente assim conseguiremos através dos jogos, a diversidade necessária na iniciação e a especificidade do desporto essencial na especialização.

O Futebol é um fenômeno complexo, pois apresenta inúmeras características que lhe conferem *status* de jogo. Portanto, para melhor compreendê-lo, precisamos de um olhar a altura. Sob o prisma do pensamento complexo, podemos entender que o Subgrupo Jogos de Bola com os Pés, na verdade é um sub-subgrupo de um subgrupo maior, que são os Jogos Desportivos Coletivos.

Assim, pensando num processo de ensino e treinamento de uma modalidade esportiva, torna-se fundamental compreendermos a fundo esse universo maior, os Jogos Desportivos Coletivos. Pois também são capazes de influenciar na aprendizagem, uma vez que, todas as vivências podem se tornar experiências significativas.

2.3. Futebol enquanto Jogo Desportivo Coletivo

"Não é possível compreender e explicar a complexidade dos JD, enquanto sistema de transformação, senão apelando a modelos que integrem as noções de ordem, desordem, integração e organização" (Gréhaigne)

O universo dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC) é constituído por jogos que possuem um sistema de referências, com vários elementos (colega, adversário, campo de jogo, bola ou disco, etc.), que possibilitam os jogadores interagirem entre si (cooperação) e se confrontarem (rivalidade desportiva). Sendo algo primordial nos JDC, para cumprir a lógica do jogo (vencer), o jogar em equipe, ou seja, a dinâmica destes jogos proporciona vantagens a quem joga coletivamente, buscando o auxílio dos companheiros de time, rumo a cumprir o objetivo do jogo.

Como objeto de estudo deste trabalho, o Futebol se enquadra neste grupo de jogos, pois apresenta o que Bayer (1994, p.32) chamou de denominadores comuns dos JDC:

- *Regras* que devem ser cumpridas, caso contrário cabe punições previstas pelas regras. Sendo então necessário respeitá-las para se jogar. Estas variando de jogo para jogo, devido às peculiaridades;
- *Espaço* demarcado para acontecer a partida, terreno de jogo, que limita a ação dos jogadores ao interior daquele ambiente;
- Um objeto esférico (*bola*) que pode ser dominado, conduzido e lançado pelo jogador, seja com as mãos, seja com os pés ou por intermédio de um instrumento;
- *Alvo* a atacar e outro a defender (objetivando vencer o jogo), variando de jogo para jogo;
- *Companheiros* de equipe que auxiliam recuperar, manter a posse e fazer progredir o objeto esférico, com as mais diferentes partes do corpo;
- *Oponentes*, que tentam impedir e atacar para vencer a partida, ou seja, adversários que devem ser vencidos.

Segundo Jocimar Daolio (2002, p.100) os JDC englobam todas as modalidades esportivas coletivas, pois possuem uma mesma lógica, “*o que as tornam passíveis de um mesmo tratamento pedagógico para seu ensino*”. Sustentado pelas idéias de Bayer (1994), Daolio “*considera as semelhanças entre as modalidades, definindo seis princípios operacionais comuns, divididos em dois grandes grupos, uma para o ataque outro para a defesa*”:

- ***Princípios operacionais de ataque:***
 - Conservação individual e coletiva da bola;
 - Progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário;
 - Finalização da jogada, visando à obtenção de ponto.

- ***Princípios operacionais de defesa:***
 - Recuperação da bola;
 - Impedir o avanço da equipe adversária e da bola em direção ao seu alvo;
 - Proteção do alvo visando impedir a finalização da outra equipe.

Como um dos objetivos da pesquisa é discutir métodos de ensino e treinamento do futebol, faz-se necessário entendermos como se dá o processo de ensino/aprendizagem/treinamento dos JDC, segundo alguns autores, para então compreendermos como pode haver transferência de aprendizagem entre estes jogos enquanto os alunos/atletas os praticam. E assim, justificar uma metodologia de ensino e treinamento do futebol pautada em jogos.

Somente com uma metodologia de ensino apropriada, poderemos nos aproveitar dos benefícios de se ensinar os JDC. Assim como potencializar e otimizar o aprendizado na busca por desenvolver o ser humano plenamente. Indo de encontro com o que Júlio Garganta diz:

“Devido à riqueza de situações que proporcionam, os JDC constituem um meio formativo por excelência (Mesquita, 1992), na medida em que sua prática, quando corretamente orientada, induz o desenvolvimento de competências em vários planos, dentre os quais nos permitimos salientar o tático-cognitivo, o técnico e o sócio-afetivo.” (GARGANTA, 1995, p.11)

Como os JDC são ricos em situações imprevisíveis, os jogadores têm que constantemente se adaptar, resolvendo problemas inerentes ao jogo, logo, desenvolve seu plano tático-cognitivo. Além disso, no jogo o jogador exercita sua “*relação com a bola*”, de acordo com as ações motoras pertinentes ao desporto específico, aprimorando seu lado técnico. E o sócio-afetivo se desenvolve graças ao ambiente de competição e o seu caráter coletivo, onde a cooperação e a oposição estão presentes, sendo possível assim se trabalhar conceitos e valores do Homem, imprescindíveis na formação do indivíduo. Pensando assim, Garganta conclui que:

“O ensino dos JDC não deve sob pretexto algum circunscrever-se à transmissão de um repertório mais ou menos alargado de habilidades técnicas (o passe, a recepção, o drible...), nem à solicitação de capacidades condicionais e coordenativo-condicionais (Resistência, Velocidade, Força...). Importa sobretudo desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que transcende largamente a simples automatização de gestos e se centre na assimilação de regras de ação princípios de gestão do espaço de jogo, bem como de formas de comunicação e contra-comunicação entre os jogadores.” (GARGANTA, 1995, p. 23)

Para Garganta, mais importante que se ter uma técnica perfeita, assim como uma capacidade física formidável, é pensar o jogo. E enxergando o jogo sob a ótica da complexidade, fatores de naturezas diferentes (física, técnica, tática, psicológica...) inter-relacionados, entende que no processo de ensino/aprendizagem o “*modo de fazer (técnica)*” não pode estar “*separado das razões de fazer (tática)*”. Por isso, “*o jogo deverá estar presente em todas as fases de ensino/aprendizagem, pelo fato de ser, simultaneamente, o maior fator de motivação e o melhor indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando*” (GARGANTA, 1995, p.23).

Amandio Graça (1995) também critica métodos de ensino dos JDC voltados à técnica, onde o gesto motor é privilegiado em detrimento aos porquês do jogo. Pois considera os fundamentos do jogo (passar, cabecear, chutar, recepcionar, conduzir...) como habilidades

abertas, ou seja, a ação está sujeita à tomada de decisão do jogador, que é influenciada por fatores externos (posição e movimentação dos companheiros de time, adversários tentando impedir, distância do alvo a atacar...). Para melhor ilustrar ao crítico leitor, faremos uso de um pequeno trecho da obra “*O jogo: entre o riso e o choro*”:

“Ninguém sabia exatamente o que poderia acontecer. Jordan não respondeu que o próximo número da seqüência seria 14. Para ele, podia ser qualquer dos “n” números possíveis. Ele tinha pouquíssimos segundos para decidir. Não era como um problema de matemática em sala de aula, ao qual podemos dedicar muitos minutos. E não era um problema individual, mas um que envolvia duas equipes de basquetebol, milhões de espectadores, dirigentes etc. Tudo tinha de convergir para que houvesse êxito. Mas o técnico, os colegas de equipe e principalmente Jordan mostraram ter um tipo de inteligência que habitualmente não apresentamos em situações formais controladas, como na escola, por exemplo. Trata-se de uma inteligência muito típica de alguns jogos, especialmente os sociais e os de aventura, entre outros.” (FREIRE, 2002, p.98)

Sabido isto, Graça (1995) propõe jogos que mantenham os conceitos do jogo formal, com situações de ataque e defesa com oposição, propiciando o surgimento de situações-problema, estimulando o aluno/atleta a procurar a melhor solução. E ressalta que quanto menor o número de jogadores e quanto mais diminuirmos o campo de jogo, maior será a participação dos jogadores, mais ações inteligentes dos jogadores e de forma simplificada. Pensando num processo de ensino/aprendizagem que vá aumentando o nível de complexidade, de acordo com o grau de desenvolvimento.

Assim, o autor ressalta o papel do professor, preocupado com estratégias de ensino que estimulem a “leitura de jogo” por parte dos alunos, fazendo que eles sejam constantemente confrontados com problemas emergentes do jogo e tendo que aplicarem o conhecimento que adquiriram nas mais variadas situações. O erro do aluno então, se torna algo muito valioso, pois é a oportunidade do professor de questionar o conhecimento do aluno, instigá-lo a desenvolver estratégias mais apropriadas, em busca de sua autonomia para jogar.

Cabe lembrar que o objetivo de todo método de ensino/aprendizagem/treinamento é elevar o nível de rendimento do aluno/atleta, fazendo-se uso de ferramentas e apontando caminhos, tentando explorar ao máximo o potencial do jogador. Neste pensamento, Tavares (1995, p.44) defende uma concepção de ensino dos JDC que incita a

uma educação da adaptabilidade do jogador às mudanças impostas pela situação. Objetivando a otimização das associações estímulo-resposta exercitando alternadamente o jogador à pertinência e à rapidez da resposta.

Tavares (1995) também evidencia a necessidade do desenvolvimento em conjunto das diferentes questões do jogo. A técnica não pode estar separada da tática, pois o que confere êxito nas ações desportivas é a consciência tática, ou seja, a componente tática está diretamente ligada às análises e decisões que devem ser tomadas. E se a forma como o aluno concebe o jogo, como ele enxerga, não for a mais correta, vai desencadear uma ação incorreta. Por exemplo, o jogador que vai fazer uma inversão (lançar a bola para o outro lado do campo), querendo que a bola percorra uma distância aproximada de 70 metros no alto (sem contato com o solo), mas chuta a bola com a parte interna do pé (“de chapa”). Muitos poderiam falar que foi um erro técnico, não bateu na bola com a parte que proporciona maior força. No entanto, o jogador escolheu a melhor solução para a situação-problema que se deparou? Mostrando assim, que o problema possui origem tática, daí sua importância na preparação desportiva dos jovens praticantes de JDC.

Para o leitor melhor entender, não é que excluimos presença da técnica na formação de um jogador de desporto coletivo, no caso deste trabalho, um jogador de futebol. Mas sim compreendermos que ela não é a única vertente do jogo. E para seu correto ensinamento durante o processo de aprendizagem, pensando na complexidade dos JDC, tem que estar integrada às outras dimensões, além de respeitar a faixa etária e o nível de desenvolvimento. Nesta linha de raciocínio, Jocimar Daolio (2002) propõe uma forma de ensino dos JDC baseada no modelo pendular, que apresenta uma base fixa, uma região intermediária (com certo grau de mobilidade) e uma extremidade móvel (com maior amplitude de movimento).

Como os JDC podem ser ensinados a partir de um mesmo ponto de partida, devido às suas semelhanças, a base do pêndulo corresponde aos princípios operacionais, explicitados no início deste tópico. Em seguida, na porção intermediária, surgem regras de ação (inerentes a lógica do lógico), que têm a ver com as particularidades de cada jogo, iniciando assim uma diferenciação, fazendo uma relação com movimentação pequena que esta parte do pêndulo está sujeita. E por último, chegamos à extremidade do pêndulo, onde aparecem gestos técnicos, com grande variabilidade, se relacionando estreitamente com cada modalidade

(DAOLIO, 2002). Esta última etapa no processo de ensino/aprendizagem está ligada também ao início do processo de especialização.

Diante do que foi exposto até agora, percebemos que só pode haver transferência de aprendizagem no ensino dos JDC “*sob uma óptica fenômeno-estrutural*”. Segundo Bayer (1994), a aprendizagem é facilitada quando um jogador percebe numa estrutura de jogo, uma identidade comum a outra estrutura de jogo, reconhecendo si mesmo em outro jogo desportivo. Cabe então ao agente pedagógico, propor aos alunos jogos com estruturas análogas a todos JDC, para que o jogador, ao compreendê-la, se aproprie dela. Ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la passivamente, é vive-la, assumi-la, encontrar o sentido internamente (BAYER, 1994, p.32).

O fato é que, treinadores/professores deveriam ensinar seus jogadores/alunos em busca da autonomia, fazendo-o ser capaz de atuar por si mesmo utilizando seus conhecimentos e sua experiência. Em outras palavras, o jogador deve aprender e ser preparado para pensar/decidir/agir sozinho, da melhor maneira possível, para ele e sua equipe ao mesmo tempo. Para quem sabe, ao fim do processo de ensino/aprendizagem/treinamento obter um “*jogador inteligente*”, como preconiza Bayer (1994, p.68). Mas isso somente será possível se compreendermos a **complexidade** em nossa volta.

2.4. Complexidade: o novo paradigma

“A soma das partes não corresponde ao todo”

(Edgar Morin)

Para conseguirmos uma metodologia de ensino e treinamento eficiente, capaz de maximizar o aprendizado de um jogador de futebol, sendo o Jogo de Futebol algo muito Complexo, necessitamos de métodos de ensino à altura, que contemplem essa complexidade. Mais do que isso, precisamos romper com o paradigma cartesiano (simplificador), fazendo emergir o da complexidade, onde tudo está inter-relacionado e acontecimentos distintos se manifestam simultaneamente, influenciando o tempo todo em tudo.

A ciência surgiu esmiuçando fenômenos mal compreendidos em fragmentos, cada vez menores (reducionismo), na tentativa de desvendar através da união do esclarecimento das partes o todo (disjunção). Essa perspectiva de desenvolvimento trouxe a tona o paradigma da simplificação, mais tarde conhecido por Descartes e Newton entre outros, como o paradigma mecânico/cartesiano (CAPRA, 2001).

Esse método de investigação analítico, que consiste em quebrar fenômenos complicados em pedaços a fim de estudá-los de forma separada, para depois juntá-los e compreender o comportamento do todo (CAPRA, 2001), proporcionou muitos avanços à ciência. Fazendo juízo ao que disse Pascal (apud FREIRE):

“Considero impossível conhecer as partes enquanto partes sem conhecer o todo, mas considero ainda menos possível conhecer o todo sem conhecer singularmente as partes.” (apud FREIRE, 2002, p.148)

A ponto de surgirem novos caminhos e possibilidades de estudos, assim, sob uma ótica de investigação diferente, descubrem outra forma de se entender o fenômeno e que sua compreensão depende de um contexto maior, devido sua complexidade.

Mas afinal, o que é complexidade? Para responder recorreremos a Edgar Morin (1990), profundo estudioso a respeito da temática. Para ele, em primeira instância *“a complexidade é um tecido (**complexus**: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos*

inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”. Mas também considera que *“a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”* (MORIN, 1990, p.20).

Assim, tentando entender os elementos de um todo de uma forma mais global e seu funcionamento dentro de um meio-ambiente complexo, emerge um novo paradigma, o da complexidade. O qual busca compreender o mundo a partir de um pensamento complexo e uma visão ecológica, rompendo com o pensamento antigo de fragmentação do todo, para ao término do estudo separado das partes, fora de seu ambiente (contexto), perceber o que significa o todo. Essa complexidade não aparece apenas hoje, graças ao desenvolvimento científico, ela sempre existiu e está por toda parte, até mesmo onde aparentemente não está, por exemplo, nossa vida cotidiana. Pois é um fenômeno quantitativo, possui uma quantidade grande de interações, assim como interferências entre muitas unidades (MORIN, 1990).

Segundo Fiedler-Ferrara (2003), o pensamento complexo busca uma compreensão, a partir de uma reflexão, a respeito de fenômenos que possuem diversos fatores interagindo. É essencial na formação de conceitos e construção de metodologias, que necessitem articular saberes especializados:

“O pensar complexo faz um ir e vir incessante entre a certeza e a incerteza, entre o elementar e o global, entre o inseparável e o separável. Na construção do novo paradigma não se trata de abandonar os princípios da ciência clássica-ordem, separabilidade e lógica indutiva-dedutiva-identitária - mas de integrá-los num esquema que seja ao mesmo tempo mais largo e mais rico. Não se trata também de abandonar o reducionismo ou a causalidade estrita, mas utilizá-los quando isso não macular a compreensão do objeto ou sistema estudado, compondo-o com seus aspectos complexos, quando presentes. Não se trata de negar a disciplinaridade e a especialização, em confronto com a multidisciplinaridade ou a interdisciplinaridade, mas de utilizar cada uma delas quando o problema a ser tratado assim o exigir. Não se trata de opor um holismo global a um reducionismo sistemático; trata-se de ligar o concreto das partes à totalidade. Trata-se de articular os princípios de ordem e desordem, de separação e junção, de autonomia e dependência, que estão em dialógica, isto é, são complementares, concorrentes e antagônicos.” (Fiedler-Ferrara, 2003, p.9)

A visão ecológica supracitada, para Fritjof Capra (2001), estaria num sentido amplo e profundo, considerando que os organismos fazem parte de ecossistemas complexos, estando estes seres harmoniosamente integrados no funcionamento do todo, assim:

“A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desse processo).” (CAPRA, 2001, p.25)

Dessa forma, compreender o jogo pela análise separada de cada uma de suas partes, num contexto isolado, é desconsiderar a existência da complexidade. Indo contra o pensamento complexo de Morin (1990), divergindo de sua idéia de “*unidade complexa*”, onde não podemos reduzir “*nem o todo às partes nem as partes ao todo, nem o uno ao múltiplo, nem o múltiplo ao uno*”. Pois, o “*todo*” e as “*soma das partes*” não são iguais, logo, não podemos somar as partes pensando em obter o todo, devido às “*emergências*” das partes:

“Podemos chamar emergências às qualidades ou propriedades dum sistema que apresentam um caráter de novidade em relação às qualidades ou propriedades dos componentes considerados isoladamente ou dispostos de maneira diferente num outro tipo de sistema.” (MORIN, 1997, p.104)

Para Morin (1997), sistema é um “*todo*” constituído pelas relações dos seus constituintes. Relacionando este conceito com o objeto de estudo deste trabalho, a especialização em futebol, onde o jogar expressa relações de cooperação entre os colegas e de oposição com os adversários. Podemos concluir que, o jogo é um sistema de “*sistemas*”. Corroborando com todas as idéias aqui expostas, Scaglia (2003) diz que:

“O conceito sistêmico me permite entender as relações complexas de cada manifestação do jogo e o seu processo organizacional. O pensamento complexo possibilita um olhar (análise) multidimensional. O ambiente de jogo me proporciona uma análise do contexto de jogo (o fenômeno das interações do Ser com o jogo num estado de jogo – entrega). E é com este sentido de totalidade e complexidade, inseridos num ambiente de aprendizagem que lhe é próprio, que procuro entendê-lo.” (SCAGLIA, 2003)

Neste pensamento, Scaglia (2005) considera o jogo uma unidade complexa, por estar envolvido pela organização sistêmica de suas estruturas padrões, se manifestando de forma integral apenas em seu ambiente (contexto). Dessa maneira o jogo é um sistema complexo e assim como todos outros sistemas existentes, compõe ecossistemas maiores, que fazem parte do todo, graças à tendência integrativa dos sistemas.

A lógica cartesiana/mecanicista, que ainda impera nos dias de hoje, não permite enxergar o jogo de uma forma ampla, separa as partes do todo, tenta encontrar no todo as partes; não é capaz de observá-lo em seu contexto, ambiente instável que se manifesta; muito menos analisá-lo do ponto de vista da complexidade, as interações entre as componentes do jogo e destas com o ambiente.

Transferindo essa lógica para o ensino/treinamento desportivo, ensina o jogo por meio de repetição de gestos técnicos, fragmenta o treinamento em físico e tático (como se existissem apenas essas duas vertentes). E o pior de tudo, aulas/treinos descontextualizados, ou seja, treino técnico e tático separados, fora do ambiente de jogo, com os famosos especialistas, que cuidam cada um da sua parte exclusivamente.

Contrário a essa lógica, Manuel Sérgio (1989, p.79) em sua obra *“Educação Física ou Ciência da motricidade humana?”*, critica o reducionismo ontológico (tecnicismo), o reducionismo metodológico (baixo nível de complexidade) e o reducionismo epistemológico (falta de uma ciência autônoma). E defende uma Educação Física autônoma e independente, com um novo potencial humano de dinamismo e versatilidade, buscando ser inter e transdisciplinar. Indo um pouco mais além, nas palavras do próprio autor:

“[...] o fim de técnicos da Educação Física instalados no universo da ignorância e do conformismo, na repetição em vontade de essencial, no dogmatismo sem procurar da verdade, para no seu lugar surgir um corte epistemológico e uma revolução moral [...]”
(CUNHA, 1989, p.89)

Para que isso seja possível, precisamos ter um olhar mais complexo, capaz de entender a complexidade das coisas e compreender que é a interação das partes que faz o todo, ou seja, quebrar paradigmas. Por isso, para melhor visualizarmos o mundo dos jogos, lembramos uma importante contribuição de Júlio Garganta:

“Os JDC são atividades ricas em situações imprevistas às quais o indivíduo que joga tem que responder. O comportamento dos jogadores é determinado pela interligação complexa de vários fatores (de natureza psíquica, física, tática, técnica,...). Nesta medida, devem os jogadores resolver situações de jogo que, dadas as diversas configurações, exigem uma elevada adaptabilidade, especialmente no que respeita à dimensão tático-cognitiva.” (GARGANTA, 1995)

Através desse entendimento, que vamos enxergar o futebol, pode-se apresentar um método de ensino/treinamento que contemple essa perspectiva. Como citado pelo autor, existem fatores dentro do futebol de ordem Física, Técnica, Tática e Psicológica, integralmente relacionadas e presentes em qualquer jogo.

O profundo conhecimento destas dimensões do jogo, assim como estão inter-relacionadas, é imprescindível para quem pretende compreender o futebol sob o prisma da complexidade. E assim, justificar uma metodologia de ensino/aprendizagem/treinamento pautada em jogos.

2.4.1. Dimensão Física

“Se a competição é o melhor treinamento, o treinamento precisa necessariamente ter, em contrapartida, um forte caráter de competição” (Norpoth)

Teorias que contemplem a complexidade do complexo jogo de futebol são discutidas em diferentes lugares do mundo, países como: Portugal, Espanha, Inglaterra, Holanda, França, EUA... E o que percebemos é que não existe mais a fragmentação daquilo que é físico, do que é técnico, do que é tático, do que é psicológico. Diferentemente do que encontramos aqui no Brasil (o país do Futebol?), mostrando que há algo potencialmente perigoso no caminho do desenvolvimento de metodologias de ensino/aprendizagem/treinamento do nosso futebol.

Para melhor compreensão do crítico leitor, apresentaremos as dimensões existentes no futebol em separado, de modo a facilitar o entendimento, mas de modo algum a pensar que estas não estão inter-relacionadas. Por isso, nestes próximos tópicos nos aprofundaremos mais em determinada vertente, porém sempre mostrando que são constituintes inseparáveis de um todo. Encontrando fundamentação teórica nas palavras do seguinte autor:

“A interdependência dos pré-requisitos (técnicos, táticos e cognitivos) para uma capacidade ideal de jogo e a sua importância como fator de integração dependem-se da seguinte citação: Um comportamento ideal de competição tem como pré-requisito uma atitude tática ideal do atleta. No entanto, um conceito tático só é executável sobre os alicerces de uma base técnica, condição física, capacidades volitivas (dependentes da força de vontade) e intelectuais compatíveis. Como realizar um “contra-ataque” se o conhecimento técnico necessário não estiver disponível? Qual seria a lógica da indicação “marcação individual”, quando o oponente é plenamente superior em velocidade e resistência? Finalmente, de que forma poderia ocorrer entrosamento do time, se para um dos jogadores da equipe, for impossível a assimilação e, respectivamente, a transposição de determinadas situações de competição?”
(WEINECK, 2000, p.15)

A partir daí, Weineck (2000), em sua obra *“Futebol Total: o treinamento físico no futebol”*, conclui que *“se deve dar prioridade ao treinamento do condicionamento físico*

usando situações semelhantes ao jogo e, quando possível, integradas ao jogo”. Defendendo a idéia de que a preparação física deve existir, mas não deve ser tratada com o objetivo em si, pois o foco é o jogo. Deve-se então, *“subordinar-se ao objetivo superior que é a melhoria da capacidade de jogo, tornando ideal a habilidade esportiva”* (WEINECK, 2000, p.18).

A dimensão física dentro do desporto futebol pode ser caracterizada como um exercício que exige alta intensidade de esforço, num curto intervalo de tempo, interposto por períodos de menor intensidade e duração variada. Por isso, é uma atividade de natureza essencialmente intermitente e acíclica (BARROS, 2004).

Aprofundando mais nessa vertente do jogo, vamos falar agora sobre as capacidades físicas essenciais do jogo, que fazem a diferença na hora de jogar. A primeira delas é a resistência tida como *“capacidade geral psicofísica de tolerância à fadiga em sobrecargas de longa duração, bem como a capacidade de uma rápida recuperação após estas sobrecargas”*. Pois a resistência psíquica seria a capacidade de suportar um estímulo de sobrecarga suficientemente capaz de exigir a diminuição da intensidade, retardando sua interrupção. E a resistência física, propriamente dita, como capacidade de resistir à fadiga do organismo (WEINECK, 2000, p.23).

Isso mostra mais uma vez como as dimensões estão interligadas e são indissociáveis. E sendo uma capacidade essencial para um bom desempenho, seu treinamento é fundamental, pensando sempre na sua inter-relação com o todo do jogo, como interfere nas outras capacidades e dimensões, visto o que o referido autor diz:

“Resumindo-se, comprova-se que o elevado potencial energético (níveis elevados de reservas de glicogênio e triglicerídeos) resulta nas seguintes vantagens: o jogador com melhor nível de resistência aeróbia recupera-se mais rapidamente das ações do jogo; está em condições de agir constantemente e com maior velocidade; tem menor índice de pausas para descanso (parado ou andando) e, por isso, pode manter elevado ritmo de participação; apresenta menor número de erros técnico-táticos, contribuindo para o maior volume de jogo; perto do final da partida, ainda consegue ser preciso nas disputas, acertando a bola e não a perna do adversário, não perdendo a sua capacidade de concentração, atenção e observação.” (WEINECK, 2000, p.41)

Tanto a resistência aeróbia como a anaeróbia (predominância de metabolismos diferentes) podem ser treinadas através de jogos, pensando num treinamento com um olhar

complexo, pois todas as capacidades especiais do jogo de futebol são condicionadas simultaneamente. E baseado no que disse Michailov (1973), o treinamento da resistência anaeróbia por meio de jogos, por causa do constante confronto com o adversário, alcança estados funcionais de sistemas individuais que jamais seriam alcançados em um treinamento normal ou em um jogo teste ou, ainda, em qualquer outra forma de controle de *performance* (apud WEINECK, p.75).

Barros (2004) define o que deve ser aprimorado no treinamento aeróbio e anaeróbio, visando um melhor desempenho. No primeiro, temos que desenvolver a velocidade de recuperação (diminuir o tempo) após a atividade de alta intensidade como piques; tornar o sistema cardiovascular mais eficiente, ou seja, melhorar sua capacidade de transportar oxigênio aos músculos solicitados durante a partida de futebol; melhorar a capacidade dos músculos solicitados em utilizar o oxigênio fornecido e oxidar os ácidos graxos. Já no segundo, devemos aumentar a capacidade do músculo em realizar esforços de alta intensidade repetidas vezes, uma vez que o futebol é jogado em alta intensidade com curtos períodos de recuperação.

Outra capacidade essencial do jogo de futebol é a força, que apresenta várias subdivisões (força rápida, força explosiva, força máxima, resistência de força...), todas relevante à *performance* do jogador de futebol. Seu treinamento busca: melhora do desempenho, profilaxia de lesões e manutenção da postura corporal.

O treinamento de força integrado ao jogo conduz estímulos diferentes, sendo que a força e a força rápida também podem ser elevadas dessa maneira. É o que mostra o estudo de Weineck (2000) sobre as pesquisas de alguns autores, como Faina (1988) que, apresentam dados comprovando que somente jogando (treinamento de força pelo método de jogos) melhoram-se parâmetros característicos da força rápida.

Entrando em mais uma capacidade essencial do futebol, a velocidade, percebemos como ela é multidimensional, devido sua complexidade. Pois não é somente o agir e reagir rápido, ou a saída e a corrida rápida, ou então *sprint* e parada rápida, está também no tratamento da bola e mais do que isso, está no reconhecimento e ação rápida para solucionar certa situação:

“Tanto no ataque como também na defesa, a velocidade decide freqüentemente entre a vitória e a derrota. O atacante ou então defensor que for “um passo mais rápido” ou que chegar com “a ponta do pé mais cedo”, “quem tiver idéia primeiro” e estiver com a bola

pode marcar ou evitar, sob determinadas circunstâncias, o gol decisivo.” (WEINECK, 2000, p.357)

Essas circunstâncias rápidas forçam o jogador a ter uma tomada de decisão rápida, sendo essencial sua “*criatividade de decisão*”, caso contrário suas ações serão facilmente previsíveis. Dessa forma, o jogo seria uma excelente “ferramenta” para aprimorar essa capacidade, pois exige constantemente a capacidade de adaptação (inteligência) do jogador, melhorando assim sua “*criatividade de jogo*” (WEINECK, 2000, p.363).

Somente por meio de um treinamento complexo essa capacidade é integralmente e potencialmente explorada, de forma a desenvolvê-la plenamente. Pois “*tanto a assimilação do estímulo quanto o recrutamento do movimento de reação específico do jogo podem ser otimizados*” (WEINECK, 2000, p.375). Assim, o método de treinamento a partir de jogos pode maximizar seu desenvolvimento, uma vez que apenas o jogo pode trazer para o treinamento essa complexidade.

Além disso, no jogo de futebol um defensor central (zagueiro da sobra) desenvolve determinadas funções e comportamentos que resultam dos princípios de jogo que a equipe dele treinou, que serão diferentes do defensor da outra equipe. Desse modo, *as adaptações que resultam do jogar são verdadeiramente específicas*, ou seja, condicionadas pela função que desempenha na equipe. Assim, a organização do jogar comporta um conceito de *Especificidade* subjacente ao modelo de jogo que o time e os jogadores desenvolvem, sendo um dos princípios do treinamento desportivo (BOMPA, 2002).

Dessa forma, Marisa Silva Gomes (2006) apresenta um modelo de treinamento sempre pautado na concepção tática, acreditando que ela será um norteador para as demais dimensões, mais uma vez mostrando como estão inter-relacionadas:

“Procurando esclarecer este conceito, voltemos ao exemplo anterior onde uma equipa adopta como princípio fazer a bola progredir com passes longos enquanto que a outra o faz através de passes curtos. Daqui percebemos que os padrões de ocorrências que definem as equipas em questão são diferentes, fruto de uma organização. Deste modo, as exigências físicas dos princípios desenvolvidos em cada equipa são diferentes pois na primeira existe a dominância de deslocamentos mais prolongados, com a bola a ser jogada no espaço enquanto que na outra, os deslocamentos são mais curtos, com mudanças de direcção e sentido mais frequentes. Com isto, as adaptações bioquímicas e

neuromusculares são concretas e portanto, resultantes da configuração dos princípios. Do mesmo modo, as exigências técnicas e psicológicas resultam dos referidos princípios.” (SILVA, 2006, p.22)

Segundo Weineck (2000), as dimensões da *performance* no jogo de futebol se contemplam de modo interdependente, daí a importância de não priorizar uma dimensão em detrimento de outra. Pois o baixo desenvolvimento em uma das dimensões acaba interferindo no desempenho de todas as outras e conseqüentemente na *performance* do jogador.

Por exemplo, um jogador que não tem uma boa capacidade de resistência aeróbia (não é suficiente para agüentar um jogo inteiro) jogando depois dos trinta minutos do segundo tempo. A baixa resistência à fadiga do organismo do jogador vai fazer com que ele se sinta muito cansado, interferindo na resistência psíquica (o jogador mentalmente vai se sentir exausto). Esse estresse mental vai interferir em sua tomada de decisão e capacidade de adaptação, uma vez que sua parte cognitiva vai estar afetada, tanto pelo desgaste físico como psicológico. E essa demora na tomada de decisão e capacidade de adaptação vai interferir nas atitudes do jogador em campo, além de suas ações estarem comprometidas, pois sua coordenação vai estar afetada devido à fadiga muscular. Fazendo o jogador errar passes e finalizações fáceis, ou seja, vai interferir diretamente na dimensão **técnica** também.

É importante lembrar que não é objetivo dessa pesquisa se aprofundar em questões fisiológicas e bioquímicas, muito menos explicitar cargas de treinamento (organização, conteúdo e magnitude), metabolismos energéticos, tipo de fibras musculares, genética... Assim, devido à amplitude do tema, nos atemos a comentar apenas as capacidades mais essenciais do jogo de futebol, de forma a mostrar a interdependência das partes que constitui o todo.

2.4.2. Dimensão Técnica

“As habilidades desportivas são arranjos particulares de habilidades inespecíficas anteriores, para atender as necessidades do contexto de um dado esporte”

(João Freire)

Histórico e culturalmente, no processo de ensino/treinamento de uma modalidade desportiva, professores/treinadores preconizam um gesto técnico ideal, forma mais eficiente de se realizar um determinado movimento, daí toda aquela preocupação exagerada com a técnica. Tanto que diversos autores escreveram, o que mais se encontra na literatura, obras relatando a execução do gesto técnico desportivo, com instruções biomecânicas quanto à postura, posição de pernas e braços, inclinação do tronco, como deve estar os pés e mãos, em busca da perfeição.

Porém também foi possível encontrar autores que não se preocupam com o gesto técnico ideal, se está sendo realizado da forma mais eficiente (biomecanicamente falando), pois seu foco é a resolução dos problemas existentes numa partida. Assim, defendemos a idéia de que o jogador não precisa ter o gesto motor mais eficiente, se ele consegue solucionar da melhor forma as situações que aparecem para ele no decorrer dos jogos, sua técnica está adequada. Vamos citar aqui João Batista Freire, em sua obra *“Pedagogia do Futebol”* (2003):

“Trata-se da habilidade mais decisiva no futebol. Não importa se a finalização é feita com um cabeceio, um chute, ou até de peito ou barriga; caso se consiga marcar o gol, ela é considerada bem-sucedida. O gol é o objetivo maior do jogo. Mais importante que chutar, cabecear ou lançar a bola é fazer o gol. Ao tentar consegui-lo, todas as demais habilidades se tornam meio.” (FREIRE, 2003, p.29)

O autor fala a respeito de habilidades básicas, aquelas que qualquer pessoa consegue fazer, que combinadas com as particularidades do jogo de futebol, se tornam habilidades específicas, essenciais para se jogar futebol. Para uma melhor compreensão apresentamos algumas habilidades técnicas utilizadas nos jogos (FREIRE, 2003):

- *Desarmar* – Uma competência técnica usada para defender e recuperar a bola. Habilidade que visa superar as intenções do adversário.
- *Controlar a bola* – Capacidade de ficar com a bola, visando realizar uma jogada. Essa habilidade pode ser realizada utilizando-se diversas partes do corpo, menos membros superiores.
- *Condução* – Capacidade de levar a bola de um ponto a outro do campo, sem perder a posse.
- *Driblar* – Uma competência técnica usada para ludibriar o adversário, por isso também pode ser conhecida como finta. Habilidade de conduzir e controlar a bola, evitando perder sua posse e objetivando ultrapassar os adversários para cumprimento da lógica do jogo.
- *Passar* – Ato de transmissão da posse para um jogador do mesmo time, ou seja, consiste em chutar a bola para um companheiro em distância curta ou média. Ação que determina o desporto coletivo.
- *Lançar* – Também é um ato de transmissão da posse, mas se diferencia por ser um chute para um companheiro distante. Porém necessitamos nos atentar para o fato de que, se este chute ocorrer da linha lateral próximo a linha de fundo em direção a área (no campo de ataque), possui a denominação de cruzamento, uma modalidade de passe.
- *Finalizar* – Competência técnica que pode ser realizada através de um chute, ou cabeceio, ou até alguma outra parte do corpo, com exceção dos membros superiores, com o objetivo de marcar o gol. Sendo por isso uma das habilidades mais importantes e decisivas do jogo de futebol.
- *Defender* (goleiros) – Habilidade de impedir que saia gol para o time adversário, podendo ser feita com qualquer parte do corpo, por isso só esse jogador pode executá-la.

Lembrando que essas são apenas algumas competências técnicas que os alunos/atletas devem aprender no processo de ensino/aprendizagem/treinamento de futebol. O que pretendemos deixar claro é que nossa preocupação, ainda mais na especialização esportiva, não está no gesto técnico, pois não é ele que definirá o êxito ou o fracasso. Existem diversas

maneiras, de acordo com as particularidades (características próprias) do ser humano, de realizar uma habilidade, mas o mais importante é atingir o “*objetivo principal: solucionar o problema do jogo*” (BARROS, 2008, p.57).

Segundo Júlio Garganta (1995, p.21), a prática dos fundamentos do desporto coletivo deve ser realizada através de estruturas reduzidas (fractais), que reproduzem as características dos jogos, ou seja, partes que contém o todo (complexidade do jogo). Assim, sugere que a técnica seja experimentada dentro de um contexto, de acordo com graus de complexidade e evolução, os quais o autor denomina de níveis de relação, descritos a seguir:

- ***Eu-bola:*** principal atenção do jogador é a bola, sua familiarização com ela e seu controle (relação com a bola);
- ***Eu-bola-alvo:*** a atenção passa a ser sobre o objetivo do jogo, que é fazer mais gols que o adversário, por isso tem a preocupação de acertar a bola na meta adversária (finalização);
- ***Eu-bola-adversário:*** combinação de habilidades visando superar um oponente, buscando a conquista e conservação da bola (1x1) à procura da finalização;
- ***Eu-bola-colega-adversário:*** cooperação para atingir mais facilmente o objetivo, passa e vai (desmarcação de ruptura), passa e segue (desmarcação de apoio), contenção e cobertura defensiva;
- ***Eu-bola-colegas-adversários:*** entendimento do jogo coletivo, criação e anulação de linhas de passe, penetração e cobertura ofensiva;
- ***Eu-bola-equipe-adversários:*** nível de compreensão elevado, pois é o jogo formal (noção de toda sua complexidade), assimilação e aplicação dos princípios do jogo (meios táticos), ofensivos e defensivos.

O autor sugere ao professor/treinador uma proposta pedagógica de aplicação e desenvolvimento dos níveis de relação. Trabalhando essas relações o praticante desenvolverá as habilidades necessárias ao esporte praticado, mas de forma contextualizada. Pois para atender os princípios da aprendizagem do futebol tecnicamente bem jogado é necessário entender que isso somente será possível se for através de um ambiente de jogo.

Não dá para ensinar/treinar habilidades técnicas apenas analiticamente, fora de contexto de jogo. Por exemplo, um jogador precisa melhorar a competência técnica do passe, pois foi constatado no jogo que ele está errando muito e por isso precisa melhorar. Pode ser que através de um treino analítico, trabalhando o fundamento de forma separada, esse jogador consiga se sair muito bem no treinamento. Porém quando for jogar, pode ser que ele ainda continue errando muitos passes fáceis, detectando novamente uma deficiência técnica. Isso acontece porque neste tipo de treinamento não existe adversário (dificultando a solução do problema), o jogador não está em “estado de jogo” (concentração), não tem o cansaço do jogo (estresse físico), não existe uma pressão temporal (interferindo na tomada de decisão), muito menos uma pressão psicológica (lado emocional)...

As dominantes do futebol (física, técnica, tática e psicológica) não podem ser separadas, só se manifestam integralmente num ambiente de jogo. E acontecem simultaneamente, de forma integrada e interada, pois são constituintes de uma mesmo todo, o complexo jogo de futebol. Não basta o jogador ser perfeito tecnicamente (gestos técnicos perfeitos), se ele não consegue, por exemplo, distinguir o momento certo de fazer um passe ou finalizar a jogada (chutar a bola no gol). Ou então, chuta no gol há uma distância de 40 metros com a parte interna do pé (chapa). Todos estes erros estão ligados à consciência **tática** do jogador, não podemos adestrar nossos alunos/atletas, precisamos fazê-los pensar o jogo.

2.4.3. Dimensão Tática

“Quem não treina como joga, acaba jogando como treina”

(Roberto Perfumo)

No jogo de futebol todas as decisões precisam ser tomadas sobre grande pressão temporal e espacial, seja com ou sem bola. A ação de quem joga é física, técnica, tática e/ou psicológica ao mesmo tempo, o tempo todo. Porém, quando pensamos no cumprimento da lógica do jogo, predomina a dimensão tática, ou seja, o que fazer para que a jogada seja eficiente (positiva para equipe), sendo que essa ação inteligente pode ser individual ou coletiva.

Para melhor compreendermos essa dimensão precisamos entender a lógica do jogo, pois todo jogo possui uma e conhecê-la nos possibilita enxergá-lo melhor. De forma a possibilitar, professores/treinadores intervirem de forma mais precisa e objetiva (LEITÃO, 2009, p.43).

Rodrigo Azevedo Leitão em sua tese de doutorado (2009) mostra que a lógica do jogo *“está intimamente e diretamente relacionada com a construção do próprio jogo”*. Acredita que a lógica do jogo interage com as regras, desde as normas do jogo (regras formais) até as ações *“táticas”* dos jogadores, que obedecem a graus de prioridade de acordo com o *“plano de jogo”* da equipe (regras de ação). Desta forma o autor pensa que:

“O Futebol é um jogo de grande complexidade de ações e como jogo pode ter a sua Lógica compreendida. [...] devemos buscar o entendimento de detalhes que desencadeiam situações que possam efetivamente aumentar as chances de fazer gols.”
(LEITÃO, 2009, p.44)

O objetivo máximo do futebol é fazer mais gols que o adversário, mas Leitão enfatiza que seria mais lógico cumprir esse objetivo fazendo a bola entrar na meta adversária através do menor número de ações possíveis. Sendo o futebol um jogo de estratégias simultâneas, o professor/treinador tem que ensinar sua equipe a lidar constantemente com os pensamentos divergentes do adversário, que mudam o tempo todo, ao mesmo tempo em que ela elabora os seus, ou seja, tornar a equipe adversária menos imprevisível e ser o mais imprevisível possível.

Os sujeitos da ação (jogadores) devem estar preparados para obterem êxito frente aos inúmeros problemas táticos que surgem numa partida. Assim, para um melhor entendimento do jogo, os jogadores precisam aprender os princípios táticos (ações individuais e coletivas) do futebol.

Considerando o processo de especialização esportiva, Romero (2006) apresenta os princípios táticos que devem ser abordados nesta etapa do processo de formação, dividindo em tática defensiva (seguindo a lógica para defender) e ofensiva (seguindo a lógica para atacar):

“Os princípios táticos de evolução estão divididos em princípios defensivos e ofensivos; segundo a dinâmica geral do jogo se subdividem em grupos nos quais levam como título a fase de jogo com uma ordem lógica e encadeada. Os princípios táticos defensivos estão subdivididos em grupo de *retardo*, já que depois de perder a posse da bola é a ação que se deve realizar, logo se busca um equilíbrio nas tarefas defensivas (*grupo de equilíbrio*) para logo buscar recuperar a posse da bola (*grupo de recuperação*). Os princípios táticos ofensivos estão subdivididos em *grupo de controle*, já que logo que se recuperou a bola devemos buscar um domínio na iniciação da fase ofensiva, em seguida devemos buscar uma mobilidade não só individual como coletiva (*grupo da mobilidade*), esta mobilidade nos conduzirá a uma penetração nas linhas defensivas do rival (*grupo de penetração*), e por último o *grupo de improvisação* já que o futebol por ser um esporte acíclico o jogador deve estar em condições e disposto para trocar de ação no momento menos esperado.” (ROMERO, 2006)

Lembrando que estas idéias partiram dos princípios operacionais dos JDC de Bayer (1994), que considera os princípios operacionais de ataque (conservação da bola; progressão dos jogadores e da bola até a meta contrária; e ataque ao alvo adversário para marcar o ponto) e os princípios operacionais de defesa (recuperação da bola; impedir a progressão dos jogadores adversários e da bola até minha meta; e proteção do meu alvo e campo).

Porém, Bayer (1994) não considera o momento da transição, ou seja, esquece que mesmo estando com a bola (atacando) temos que estar preparados para defender e vice-versa. Logo, atacar defendendo-se (ataque organizado para uma casual perda da posse de bola) é um princípio operacional de transição defensiva e defender-se atacando (defesa organizada para assim que recuperar a bola atacar) é um princípio operacional de transição ofensiva.

Ainda nesta dimensão, além desses princípios operacionais (ataque, defesa e transição), quanto mais se avança na etapa da especialização, mais conteúdos específicos do jogo devem ser ensinados. No caso os meios táticos do futebol, que estão relacionados com as regras de ação específicas deste jogo, visando um ataque mais eficiente e eficaz; uma defesa mais equilibrada e consistente; e uma transição que seja determinante no jogo.

Assim, segundo autores como Parreira (2005), Leitão (2008) e Zago (2008) existem meios táticos ofensivos, defensivos e de transição, que podem ser individuais, de grupo e coletivos, de acordo com o número de jogadores envolvidos na ação:

- **Meios Táticos Ofensivos:** amplitude, desmarques, tabelas, ultrapassagem, fintas e dribles, profundidade, mobilidade, penetração e apoio.

- **Meios Táticos Defensivos:** retardamento, flutuação, cobertura, direcionamento, equilíbrio, bloco, recuperação defensiva e compactação.

- **Meios Táticos de transição:**
 - *Defensiva:* densidade defensiva, balanço defensivo, proporção (número de jogadores defendendo por atacantes adversários).
 - *Ofensiva:* densidade ofensiva, balanço ofensivo e proporção (número de jogadores atacando por defensores adversários).

Como não é objetivo deste trabalho aprofundar nos meios táticos, apenas citamos os conteúdos táticos que devem ser ensinados num processo de ensino/treinamento do futebol. Cabe lembrar que na hora de ensinar/treinar deve-se levar em conta a faixa etária da turma e o nível de desenvolvimento da equipe.

A autora Marisa Silva Gomes (2006), em afinidade com a concepção Tática cita José Mourinho, reconhecido treinador de futebol que, afirma que a sua prioridade é seu time ter um “conjunto de princípios que dêem organização à equipa” e por isso, as “preocupações técnicas, físicas e psicológicas surgem por arrastamento”, resultantes da configuração dos princípios táticos. Face a isto, a determinação de um modelo de jogo é essencial, definindo como

a equipe vai jogar, quais são suas referências ofensivas e defensivas. Ou seja, a organização do jogo é algo específico, que requer um conhecimento e domínio das solicitações e exigências que cada “jogar” envolve, somente assim seu desenvolvimento será consistente.

Os acertos e/ou erros, êxitos e/ou fracassos dos jogadores são definidos por suas ações que, dependem de suas intenções, completamente ligadas ao seu estado físico, sua competência técnica, seu nível de conhecimento tático e seu estado emocional. De nada adianta um jogador suportar e estar bem condicionado para o jogo (físico), possuir uma técnica muito boa, ser taticamente perfeito, se o seu emocional está abalado. A dominante **psicológica** se inter-relaciona com as outras dimensões, faz parte do seu “eu total”, assim, se esta vertente estiver comprometida influenciará negativamente no desempenho do jogador na hora do jogo.

2.4.4. Dimensão Psicológica

“Se você não consegue fazer progresso, é porque ainda não está consciente o suficiente”

(David Hemery)

A psicologia é mais uma dominante no treinamento desportivo, todos sabem como é capaz de afetar a *performance* de um atleta. Porém, num contexto onde a totalidade é deixada de lado, surgem especialistas na área que fragmentam o todo, desconsideram a complexidade das interações com as outras dominantes e buscam analisá-la fora de seu ambiente (contexto).

Num processo de ensino/aprendizagem/treinamento esta dimensão influencia e é influenciada, trazendo benefícios ao ser humano, que “está por detrás do jogador”. Na obra “*O Método Silva de controle mental para alcançar o sucesso nos esportes*” os autores deixam clara a importância dos esportes nesta dimensão: “*Estabelecer metas e esforçar-se para atingi-las*”; “*Trabalhar em cooperação com outras pessoas para alcançá-las*”; “*Ter perícia na solução de conflitos*”; “*O valor da persistência*”; “*Como pensar com clareza sob pressão*”; “*Confiança em sua capacidade de resolver problemas*”; “*Compreender que ninguém está interessado em desculpas e razões pelo fracasso*”; “*Ter respeito pelo jogo limpo*”; “*Ter recompensas pelo sucesso*” (JOSÉ SILVA e ED BERND JR, 1998, p. 323).

Segundo os autores, a iniciação esportiva pode trazer uma série de atributos “*mentais, formadores de caráter, sociais, emocionais e espirituais*”, mas também pode “*produzir efeitos prejudiciais*”, quando obcecado pelo esporte e pela vitória, interferindo em toda sua vida. Daí a importância de lembrar tudo isso ao leitor (pai e/ou treinador), uma vez que quando nos referimos a processo de formação, não a consideramos “*fabricação*” de atletas, mas sim formação integral do Ser Humano.

Neste tópico buscamos entender como o domínio da mente pode afetar a *performance* de um atleta, para isso recorreremos a um especialista da área, André Percia de Carvalho (2002), que relata a importância da construção de uma ambiente psicológico favorável, onde se possa controlar as emoções, frustrações, expectativas e metas.

Segundo o autor, as pessoas têm que aprenderem a ser claras e objetivas, capazes de saber o que querem e do que necessitam (foco). Além disso, elas precisam elevar seus padrões, pois são eles que as orientam inconscientemente “até onde irão chegar” em suas conquistas. E não podemos esquecer a Concentração, habilidade de manter a atenção no objetivo, identificando sucesso, fracasso, problemas e situações do jogo, no decorrer da partida (PERCIA, 2002).

Essa consciência ressaltada pelo autor pode ser trabalhada já na iniciação, de forma a despertar esses fatores que poderão fazer a diferença na vida dessas crianças, integrando-se no processo educativo e formativo delas. E, se forem para a especialização, necessitamos “*construir um ambiente e um estado que os condicionará a um padrão de resultados constantes*” (PERCIA, 2002, p.5). O autor considera três fatores imprescindíveis para o sucesso na prática esportiva:

- *Fisiologia*: se almeja coisas maiores precisa ter um padrão de comportamento condizente com o que espera alcançar (postura, palavras, objetivos, etc.), pois ações iguais trazem resultados iguais;
- *Crença e foco*: se quisermos respostas melhores na vida, precisamos começar a fazer melhores perguntas. Focalizando o “certo” deixamos nosso cérebro programado para “perceber” aquilo o que nos interessa;
- *Linguagem*: aquilo que dizemos afeta nossa realidade e a realidade daqueles com quem interagimos, seja na vida pessoal ou profissional. Não só o que dizemos para os outros, mas, sobretudo, aquilo que repetimos para nós mesmos (as palavras, metáforas e afirmativas que escolhemos para representar aquilo que pensamos/sentimos/agimos).

Todos esses fatores estão diretamente ligados ao desempenho de um jogador de futebol, por isso precisam ser bem trabalhados e desenvolvidos. Negligenciá-los seria desconsiderar o poder da mente, ter um olhar pouco complexo e continuar sem entender os por quês das conquistas.

O professor/treinador tem um papel muito importante nisso tudo, pois é o intermediador de todo o processo de formação que o aluno/atleta está sujeito. Além de ter que

propiciar um ambiente favorável (que contemple todos esses fatores psicológicos) e desenvolver o estado emocional do jogador, o educador serve como exemplo.

Segundo a autora Leonhardt (2002), as atitudes, hábitos e formas de pensar de quem lidera influenciam o comportamento daqueles que o admiram. Pois estão numa fase que buscam referências fortes para formação de sua personalidade (processo de desenvolvimento) e o treinador assim, passa a ser um modelo de influência.

Essa autora contextualiza o treinador de categorias de base “*como alguém contribuinte no desenvolvimento físico, motor, social e emocional de seus atletas*”, deixando claro que para isso acontecer realmente, precisam conhecer seus clientes, saber quem são seus atletas, “*como estes se comportam e se sentem na fase em que se encontram na vida, quais as necessidades e possibilidades que eles possuem*”. Somente assim vão contribuir de forma efetiva e fazer parte do processo educativo e formativo dos alunos/atletas (LEONHARDT, 2002, p.7).

Quando estamos jogando todos nossos movimentos não são por acaso, nossas ações são conscientemente planejadas e controladas. Segundo Thomas (1983), o que podemos observar é o resultado da interação dos processos psíquicos e psicofísicos, que prepara, inicia, dirige, controla e avalia a ação desportiva.

No futebol os jogadores são constantemente expostos a situações-problemas, devendo estar independentemente aptos a resolvê-los da melhor maneira possível, pois estarão sozinhos na hora de tomar a decisão. Este autor, então, preconiza um método de ensino voltado para a orientação da ação, já que toda situação enfrentada pelo aluno representa um problema psicofísico conscientizado pelo próprio aprendiz (THOMAS, 1983).

Pensando assim, o ensino do futebol sob essa perspectiva deve se preocupar com: *determinar e conscientizar o objetivo da ação para o aluno*, fazendo-o ter consciência de como está e como deve ficar; *análise completa da situação da partida*, instigá-lo a refletir sobre suas habilidades, conhecimento e experiências emocionais; *antecipação dos meios*, ensiná-lo a planejar o que vai ser necessário para alcançar o seu objetivo; *execução da ação*, ativar as forças existentes no aluno para a solução do problema e sensibilizá-lo para a vivência consciente dessa tensão “expectativa-realidade”; *avaliação dos resultados da ação*, prepará-lo para ser capaz de fazer auto-julgamento do resultados obtido pela sua performance (THOMAS, 1983, p. 218).

Dessa maneira o atleta aprende a vivenciar e a concretizar seus processos psicofísicos, potencializando sua formação quanto ser auto-atuante e independente. Tudo que foi

supracitado está ligado ao que o jogador de futebol necessita, mas esse aprendizado também pode ser levado para sua vida além das quatro linhas. Assim como qualquer prática esportiva, sem bem conduzida, traz uma série de benefícios ao *desenvolvimento humano*, ficando para vida toda.

2.5. Desenvolvimento Humano a partir da prática esportiva

“O desporto há-de ser uma actividade instauradora e promotora de valores. Na prática desportiva, o Homem tem de aprender a ser mais Homem” (Manuel Sérgio)

Para abordar a especialização esportiva deveremos antes verificar os preceitos de desenvolvimento humano convergentes com a Literatura de Educação Física, respeitando e buscando um ensino que propicie muitos anos de aprendizagem. Pois sabemos que na Educação Física e nos Esportes pressupomos o desenvolvimento dos jovens, segundo suas diversas fases de maturação, através de um ensino que sabe o que ensinar e quando ensinar, *“oferecendo experiências de movimento adequadas ao seu nível de crescimento e desenvolvimento”* (LOPES, 2006, p.14).

Segundo Lev Semiónovitch Vygotsky (1896-1934), citado por Montagner (1999) em sua dissertação de mestrado, todo profissional do esporte, que trabalhe com a formação de atletas, deverá conhecer, ao menos minimamente, as contribuições que o mesmo apresenta para o desenvolvimento humano e a aprendizagem.

Interessante também lembrar a idéia que Vygotsky, estudioso acerca da psicologia do desenvolvimento humano, definiu como *“zona de desenvolvimento proximal”*, que era a distância entre o nível desenvolvimento real (conseguem resolver o “problema” sozinhos) e o nível de desenvolvimento potencial (solução de “problemas” sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes). Pois quando pensamos em atividades precisamos respeitar esse nível de desenvolvimento para que possamos proporcionar estímulos adequados, de forma a maximizar e potencializar seu crescimento (apud MONTAGNER, 1999, p.41).

Para Alexandre Apolo Lopes (2006), o professor/treinador de futebol que trabalha com crianças deve entender como acontece seu processo de aprendizado, para que possa trabalhar bem próximo às respostas motoras específicas de determinada faixa etária. Além disso, precisa ser capaz de proporcionar uma metodologia de ensino que favoreça vivências por intermédio de soluções de problemas, semelhantes àqueles encontrados no jogo formal:

“Este professor precisa ter em mente a necessidade de proporcionar a evolução do mecanismo decisório de seus alunos para que se reflitam em ações mais rápidas e mais bem pensadas. Assim, o ensino da modalidade por intermédio do jogo, é para o professor um bom recurso a ser explorado, capaz de proporcionar a aquisição de um variado repertório motor através de vivências diversas.” (LOPES, 2006, p.17)

Lopes (2006) faz questão de ressaltar que a aplicação de tal metodologia depende do entendimento dos preceitos de desenvolvimento expostos por Martin (1988), dividindo a formação esportiva em três fases:

- Primeiro Nível – *Formação Básica Geral* – Estimular o desenvolvimento de um amplo repertório motor, ênfase nas capacidades coordenativas (de seis a nove anos de idade);
- Segundo Nível – *Treinamento Básico* – Melhorar o estado de desempenho esportivo de modo geral e variado, aprender as técnicas básicas de movimento da modalidade específica, experimentar métodos de treinamento e despertar motivação para desempenho esportivo no treinamento e competição (entre dez e treze anos de idade);
- Terceiro Nível – *Formação Específica* – Especialização na modalidade em questão para atingir o alto nível, subdividindo-se em dois níveis:
 - *Síntese de adiantados* – Melhorar o desempenho esportivo específico da modalidade, dominar as técnicas, participação em competições significativa, fase de transição iniciação/especialização (de quatorze a dezessete anos de idade);
 - *Treinamento de alto nível* – Alcance do alto desempenho individual, o aumento otimizado do volume e intensidade de treinamentos, a perfeição, estabilização e disponibilidade máxima da técnica esportiva, a melhoria e a manutenção da mais alta capacidade de desempenho pelo maior período de tempo possível.

Após explicitar as fases da formação esportiva, o autor cita Medina (2003), importante estudioso da área de Educação Física e Esportes, tentando descobrir que tipo de homem existe e que tipo de homens quer ser formar. Deixando claro que, a formação esportiva precisa estar condizente ao tipo de seres humanos que desejamos obter. Preocupado com o futuro do aluno e o cenário esportivo que estava se delineando, Medina (2003):

“[...] condenou aquilo que chamou de “especialização precoce”, que segundo ele, condiciona os meninos já a partir dos cinco ou seis anos de idade. Afirma ser preciso gerar compreensão daquilo que se ensina, pois só assim poder-se-á entender o significado real das transformações sociais.” (apud LOPES, 2006, p.19)

Não respeitar o nível de desenvolvimento, assim como as fases sensíveis e a maturação natural do aluno, pode trazer conseqüências irreversíveis para a criança e afetar todo seu desenvolvimento. A aprendizagem de uma modalidade por uma criança é um processo lento e repleto de associações que exigem tempo. Por isso, não adianta antecipar etapas, é preciso estar de acordo com seu nível de desenvolvimento (cognitivo, físico, psíquico, motor, social, afetivo...).

Sob o prisma da complexidade, tudo isso faz muito sentido, pois o número de interações cresce à medida que o tempo passa, já que novos elementos se integram ao todo e estabelecem novas relações, se desenvolvendo e aumentando a complexidade.

Temos que ter em mente que, *“adquirir uma cultura esportiva é hábito que se carrega para toda a vida, portanto, se ensinado bem, este aprendiz só colherá satisfação e proveito de sua prática esportiva, tanto se ele se tornar um especialista, como um praticante amador do esporte/futebol, ou mesmo um espectador, tendo a possibilidade de assumir uma posição autônoma e crítica diante do fenômeno esportivo”* (SCAGLIA, 2009).

Assim, para conseguirmos uma metodologia de ensino e treinamento que contemple tudo que foi supracitado, precisamos compreender como funciona a aprendizagem e entender quais são as *maneiras de intervenção*, de forma a potencializar o aprendizado do aluno/atleta de futebol.

2.5.1. Fatores Interventivos na Aprendizagem

“Um homem sábio criará mais oportunidades do que ele acha”

(Francis Bacon)

Quando pensamos num processo de ensino/aprendizagem precisamos ter claro em mente como isso acontece, o que ensinar e como fazer o aluno aprender? Refletindo a cerca de uma metodologia de ensino/treinamento no futebol, assim como em outras áreas, o fato de um professor ensinar (passar uma informação) não significa que o aluno aprendeu (assimilou o conhecimento).

Isso nos permite pensar que o tipo de abordagem, forma de transmitir um conhecimento, faz toda diferença na hora de ensinar, possibilitando ou não, uma aprendizagem significativa. No meio “futebolístico” impera a *Tradicional*, que busca passar o máximo de informações possível, ensinar sem se preocupar com o que de fato o aluno aprendeu. Porém também existe a abordagem *Interacionista*, que busca através da participação do aluno construir um conhecimento, o tempo todo questionando eles a cerca do conteúdo que se quer transmitir, preocupada com a aprendizagem (SANTANA, 2004).

Para Scaglia (2003), o ensino do desporto futebol parte da transmissão de uma informação, contida no ato de fazer, ou seja, é jogando que se aprende a jogar. E defende a idéia que, para acontecer uma aprendizagem significativa, o professor/treinador precisa criar um ambiente propício para tal. Assim, através desse ambiente, rico em estímulos e capaz de instigar um pensar, quem joga constrói um conhecimento juntamente ao educador, buscando assimilá-lo. Depois de compreender esse conhecimento, o último passo seria transcendê-lo, em busca da sabedoria.

Segundo o mesmo autor, *“aprender é constantemente se adaptar às novas situações, organizando-se internamente”*. Ele acredita também que a aprendizagem só vem a partir de uma necessidade, pois se não houver uma inquietação (provocação), não acontece aprendizagem. Dessa forma, defende a idéia que a aprendizagem esta relacionada a três coisas: Pedagogia, Metodologia e Didática.

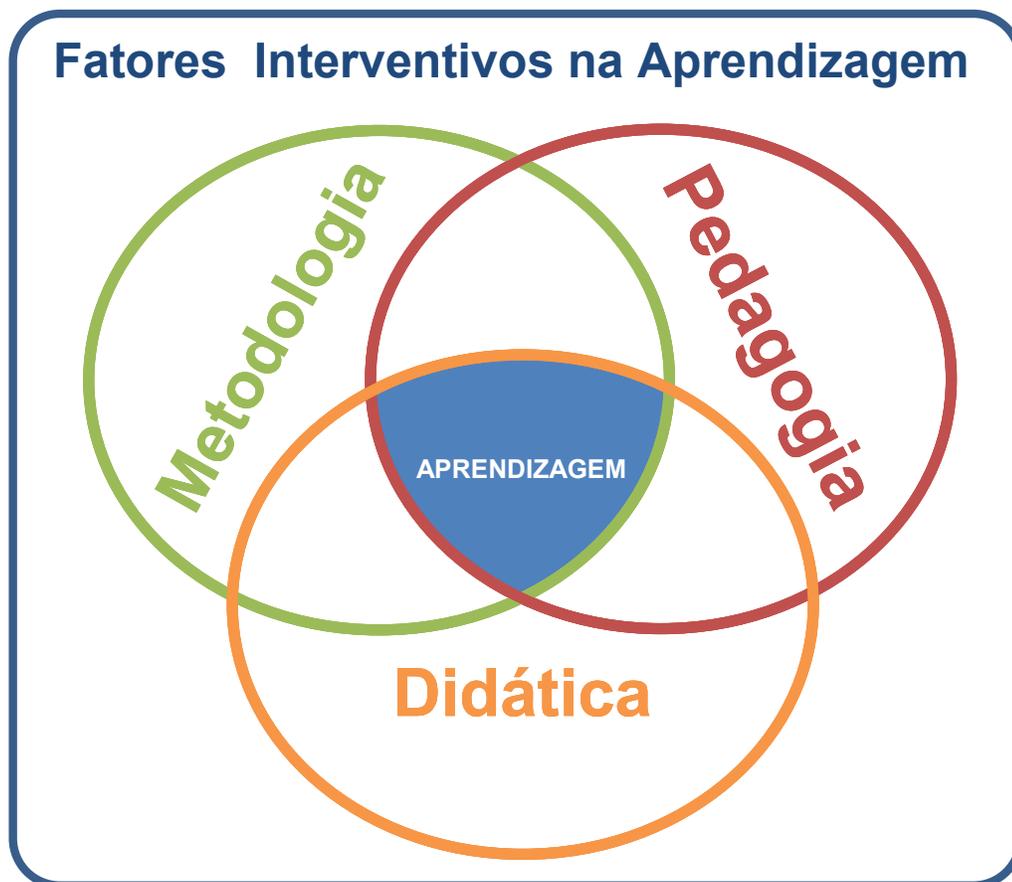


Figura 1 – Fatores Interventivos na Aprendizagem (adaptado de SCAGLIA, 2003)

Conforme podemos observar na Figura 1, a aprendizagem é uma área de congruência entre três fatores distintos, sendo influenciada por cada um deles. Para entendermos melhor esse processo de ensino/aprendizagem no futebol, nos aprofundaremos agora em cada um desses fatores, entendendo o que são e como se inter-relacionam, em busca de uma aprendizagem significativa.

2.5.2. Pedagogia

“Procuramos o esquema de pensamento mais simples possível que possa ligar os factos observados” (Albert Einstein)

Para que possamos entender as relações entre o aprender e o ensinar futebol, acreditamos ser necessário refletir um pouco a respeito do conceito de Pedagogia. A palavra pedagogia tem origem grega, *paidós* (criança) e *agogé* (condução), consistindo em guiar a criança a ambientes educativos (BALBINO, 2005). A compreensão do fenômeno educativo nos propiciou uma intervenção intencional, pautada num saber específico que modernamente associa-se ao termo pedagogia.

A dimensão educativa do treinamento é muito importante, pois constantemente os alunos/atletas têm que se adaptar aos estímulos provocados pelo complexo jogo: competição, treinamento, relações humanas (companheiros de equipe, adversários, técnicos, mídia, dirigentes, familiares...). Bompá (2002, p.5), afirma que através do treinamento desportivo, *“um treinador lidera, organiza, planeja o treinamento e educa o atleta”*. Por isso, educar através do treinamento significa formular bem os objetivos, ter opções para vencer desafios, flexibilidade ao analisar e tratar com os problemas do contexto (BALBINO, 2005).

Em sua tese de doutorado, Hermes Balbino (2005), quando entra nessa temática cita Libâneo (2002), que define pedagogia como:

“O campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. Nesse sentido, educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.” (apud BALBINO, 2005, p.77)

A pedagogia é uma área científica preocupada com toda a problemática educativa, ao longo do tempo, não se refere única e exclusivamente ao modo como se ensina. Podemos então considerá-la uma teoria prática e uma prática teórica, pois “*é uma reflexão sobre todo o contexto que envolve a ação educativa*”. E essa ação educativa tem que ter um fim, só assim conseguirá uma intervenção comprometida, intencional, dirigida, organizada e ciente de suas responsabilidades educacionais. É preciso que sua ação seja pedagógica (SCAGLIA, 2009).

Autores como Libâneo (2002), Freire (2003) e Scaglia (2009), mencionam que é impossível falar de pedagogia sem vinculá-la às concepções metodológicas, construídas e refletidas, ligadas ao: *como ensinar* (a partir dos estudos de como se aprende); *o que ensinar* (a partir das necessidades de quem aprende); *para quem ensinar* (a partir de um diagnóstico de quem é o aprendiz); *porque ensinar* (a partir do contexto do aluno/atleta).

Para esses autores o ensinar, na Educação Física em geral e no esporte/Futebol em específico, não pode ser uma simples transmissão do conhecimento, muito menos, imitações de gestos técnicos. Ensinar esportes/Futebol é uma prática pedagógica, de acordo com um processo de ensino/aprendizagem, buscando transformar o aluno num sujeito consciente, agente ativo e crítico da sociedade. Para isso, temos que considerar o aluno/atleta um ser único, com contexto próprio. E partindo do que ele já sabe, construir um novo conhecimento e ampliar sua bagagem cultural, formando assim, um jogador inteligente de corpo inteiro.

De acordo com o paradigma emergente, ao se pensar no aluno/atleta de futebol, devemos considerar a sua totalidade (social, afetivo, cognitivo, físico, motor, psicológico...). Por isso, encher o aluno/atleta de conhecimentos técnicos, sem questioná-lo (fazê-lo refletir sobre a ação), é “desperdiçar” sua potencialidade, adestrá-lo para reproduzir gestos técnicos, sem uma reflexão (jogador robô). Para reforçar esse pensamento, utilizamos as palavras de Paulo Freire:

“É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.”
(apud SCAGLIA, 2009)

Ainda segundo Scaglia (2009), formar é fazer o aluno pensar criticamente o esporte/futebol, permitindo ele se manifestar como quiser, pois seu comportamento é fruto do seu entendimento, do seu aprendizado, fazendo seu jogo ser não apenas a imitação e reprodução de performances já existentes, vistas na televisão.

“A idéia central é esta: a pedagogia do esporte articula uma prática que possibilita às crianças conhecer (agir). A pedagogia cria possibilidades de a criança ouvir, falar, pensar, escolher, ser mais ágil, de ser mais habilidosa, de se reunir em grupo, de competir, de elogiar, de criticar, de jogar, de fazer, de compreender, de se solidarizar, de se mobilizar, de participar, de cooperar, de criar. A meu ver, em criando essas possibilidades, a pedagogia não faz mais do que atender a duas peculiaridades humanas: em geral, a de sermos sociais e em particular a de sermos criativos. O método persegue o Homem e não o contrário.” (SANTANA, 2005, p.58)

A pedagogia do futebol, aqui discutido, contempla o aprendizado do jogo através de ações pedagógicas, procurando ensinar seus fundamentos (físico, técnico, tático e psíquico) de acordo com o paradigma da complexidade, considerando seu contexto e a interação de suas partes na hora de ensinar. Tendo como finalidade: proporcionar novas condutas motoras (aumentando as possibilidades de respostas para os jogos); compreensão da modalidade futebol (aspecto cultural, por consequência, humano); mas principalmente, por meio de ambientes de aprendizagem, fazer o aluno/jogador de futebol pensar e assimilar criticamente o jogo. Assim, o processo pedagógico assume função de facilitação e estímulo específico orientado para a solução de tarefas nas práticas de preparação da modalidade desportiva.

Para isso acontecer, concepções metodológicas devem ser seguidas, visando um fim. E a existência de uma **metodologia** de trabalho, padrão de conduta, torna-se essencial na busca por concretizar os objetivos preconizados.

2.5.3. Metodologia

“Nada na vida é para ser temido, é apenas para ser entendido”

(Marie Curie)

O processo de ensino/aprendizagem/treinamento esportivo é complexo, movido pela interação de múltiplos fatores, por isso precisamos conhecer e dominar métodos de treinamento que contemplem essa complexidade, em busca de uma metodologia que proporcione a *performance* máxima dos jogadores.

Metodologia significa o estudo de métodos ou então, as etapas a seguir num determinado processo. Dessa forma, Scaglia (2003) pressupõe que esse termo está relacionado: ao *como ensinar*, *como organizar* e *como intervir* no treino/aula. Lembrando que, tudo isso deve ser pensado mantendo coerência com a linha teórica do Clube de Futebol (Projeto Pedagógico Institucional), além de respeitar a faixa etária (fases sensíveis).

O como ensinar, deve pensar em quais ferramentas pedagógicas serão importantes na criação de um ambiente de aprendizagem, dentro de um processo de especialização que remete às especificidades do Futebol. Levando em conta ainda, o nível de desenvolvimento que cada aluno/atleta se encontra, procurando estimulá-lo dentro de sua capacidade.

Após conhecer as principais características do jogo e do Futebol deve-se, ao organizar as sessões de treinamento, considerá-las para o desenvolvimento das atividades a serem aplicadas. Refletindo no como organizar uma sessão de treino, não podemos nos esquecer que devemos dividi-la em partes, de forma seqüencial (interconectadas), facilitando a compreensão e assimilação do conhecimento proposto no planejamento.

E a intervenção (como intervir) deve acontecer por meio de ações pedagógicas, de forma a atingir os objetivos do treino/aula (tema do treino - conteúdo) e também os objetivos do módulo/periodização (parte do planejamento).

A Metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) de ensino, na busca por formar um jogador de futebol.

Segundo Hermes Balbino (2005), essa metodologia tem que se ajustar ao cenário esportivo atual (calendário de competições e perspectivas do treinamento):

“O conhecimento teórico e metodológico na especificidade da área do treinamento esportivo tem estimulado nos treinadores o desenvolvimento de princípios de condução de práticas, revelando-se como um conhecimento empírico da logística de treino, bem como na condução do processo, em virtude dos calendários elaborados pelas instituições esportivas oficiais, e no controle da preparação esportiva em si, no que se refere às capacidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas.” (BALBINO, 2005, p.91)

Lopes (2005) afirma que no Futebol, apesar de se treinarem diversas situações de jogo, durante uma partida podem acontecer milhares de situações jamais vivenciadas, devido ao caráter imprevisível do jogo. Assim, um método de ensino no Futebol mostra-se eficiente quando privilegia e conta com o inesperado, preparando o aluno/atleta para algo imprevisível, promovendo ações de ensino próximas às diversificadas situações que se pode encontrar na realidade de jogo.

Vale ressaltar as idéias de Amândio Graça (1995), em que um modelo para o ensino dos JDC deve, inicialmente, partir da simplificação do jogo formal em formas modificadas e adaptadas, criando-se um modo de integrar formas de exercitação e formas de jogo no transcorrer das aulas, as quais objetivam o ensino de todos os JDC.

Um método de ensino que contemple o jogar (jogando que se aprende) deve ser pensado e aplicado dentro de uma lógica de planejamento, pensada sobre os planos técnico/tático/físico/emocional, de maneira que um jogo aplicado, seja pensado sobre todos esses pontos, de forma a tornar a metodologia de trabalho integrada, possibilitando a otimização da aprendizagem técnico/tático/físico/emocional dos jogadores. Buscando fundamentação teórica João Batista Freire (2002), em sua obra “*O jogo: entre o riso e o choro*”, cita outro estudioso a cerca do processo de aprendizagem:

“Piaget não apenas criticaria querer compreender o jogo pela análise separada de cada uma de suas partes, como se recusaria a vê-lo num contexto isolado. Pelo contrário, para ele o jogo integra o fenômeno lúdico mais geral, assim como este se incluiu na atividade humana como um todo, e só assim, contexto da totalidade humana, poderia ser compreendido.” (FREIRE, 2002, p.53)

Freire (2002) também defende que um método de ensino deve se propor a desenvolver a autonomia do aprendiz, que é a *“possibilidade de decidir, entre outras opções, em cada situação, aquela que for julgada pelo sujeito a mais adequada”*. Porém, para isso acontecer o aluno precisa ter um leque grande de opções, ter se deparado com inúmeras situações-problema, formulando respostas diversificadas, todas armazenadas no seu sistema nervoso central (SNC). Ou seja, *“só pode ser autônomo aquele que pode escolher”* (FREIRE, 2002, p.105).

Tudo isso está ligado também à **didática** de cada professor/treinador, já que o modo de aplicar o método é particular, cada pedagogo tem a sua. Existem formas e formas de aplicar uma metodologia de ensino/aprendizagem/treinamento, possibilitando ou não, um maior desenvolvimento da autonomia.

Assim, sob o olhar da complexidade, todos os fatores de intervenção no processo de ensino/aprendizagem estão inter-relacionados, diretamente ligados ao comportamento único de cada ser humano. Por isso os treinadores precisam ter a capacidade de realizar intervenções pedagógicas (didática) que, supera o simples conhecimento de teorias e a rígida disciplina na aplicação de métodos.

2.5.4. Didática

“A recompensa de um trabalho bem feito está na oportunidade de fazer mais e melhor”

(James Smith)

O termo Didática é a adequação entre os meios e os fins escolhidos para o ato educativo. Trata-se da razão instrumental que norteia esse processo e tem uma importância enorme para a eficiência da transmissão de conhecimento. Com base nisso, a didática está intrinsecamente ligada à pedagogia, já que depende substancialmente das normas e métodos para aplicar esse saber especial (FREIRE, 2003).

Segundo Scaglia (2009) a didática é a arte ou técnica de ensinar, parte da pedagogia que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino destinados a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica. Assim sendo, a didática estuda os processos de ensino e aprendizagem.

Esses autores acreditam que está relacionada à *forma de aplicar o método*, pois existem maneiras e maneiras de construir um conhecimento. Além disso, defendem a idéia de que toda *intervenção pedagógica* deve acontecer de forma a orientar o aluno/atleta de futebol, sob os riscos e possibilidades que venham a enfrentar. Essa descoberta pelo aluno deve ser guiada, porém o professor/treinador somente conseguirá fazer isso se tiver: sensibilidade, conhecimento e coerência.

A sensibilidade pedagógica é conhecer o aluno profundamente, ter um “mapeamento” de como esse jogador aprende, quais são suas dificuldades e facilidades dentro do ambiente de aprendizagem. O orientador desse processo deve ter conhecimento sobre tudo que envolve a modalidade que ensina, desde as dimensões do futebol (tática, técnica, física e emocional) até os fatores que podem interferir num processo de especialização. E coerência na hora de ensinar é fundamental, pois aí está toda sua credibilidade perante aos seus orientandos, dentro de um ambiente de confiança mútua, sendo imprescindível na hora de planejar e conduzir os treinos.

Por todos esses motivos a didática vai ser o grande *diferencial* de um professore/treinador, uma vez que opera a interligação entre a teoria e a prática, não bastando

conhecer e dominar conteúdos (teoria) da aprendizagem, mas sim, saber aplicá-los da melhor forma, com a sensibilidade pedagógica supracitada (prática). Conseguir levar os jogadores à superação não é uma tarefa fácil, é essencial uma didática formidável para que isso se concretize. Assim como, transcender o método rumo à sabedoria, somente um profissional extremamente gabaritado, com uma excelente *didática*, conseguirá fazer seus jogadores alcançarem esse nível.

Pensando nesse treinador diferenciado, com uma didática provida de muito conhecimento e prática, Hermes Balbino (2005, p.96), em sua Tese de Doutorado, cita Mesquita (2000) que aponta outras capacidades que o técnico deve manifestar em sua atividade, sintetizado nos domínios:

- **Conceitual:** *que diz respeito ao domínio e conhecimento das questões das ciências do esporte e da modalidade em que trabalha;*
- **Comunicativo:** *que se refere à verbalização adequada de idéias, ao saber escutar e às capacidades de comunicação não verbal;*
- **Capacidade Técnica:** *que diz respeito à organização e condução do processo de treinamento.*

Tudo isso vai de encontro à didática que um professor/treinador precisa ter se quiser ensinar/treinar alguém. Esses domínios se inter-relacionam e se complementam à medida que são incorporados e aperfeiçoados pelo profissional de ciência do desporto, sendo imprescindível uma constante capacitação.

Fazendo um fechamento do que foi discutido nesse módulo, vamos apresentar o método de ensino/aprendizagem que impera nos dias de hoje, para posteriormente comparar com o que foi aqui discutido. A pedagogia do esporte atual é: tradicional, ensino centrado na técnica, sessões de treino que buscam reproduzir modelos (padrões), visando uma técnica perfeita; Metodologia: tecnicista, repetir movimentos para automação (executar gestos sem pensar), logo, busca mecanizar o gesto (jogadores como robôs pré-programados); Didática: autoritária e reprodutora, ou seja, não há espaço para o aluno/atleta criar (inovar).

Relembrando o que foi mencionado percebemos como é contrastante com a realidade que vivemos, como o ensino/treinamento do nosso futebol (melhor do mundo?) está defasado. Para termos exata noção e melhor elucidar ao crítico leitor, faremos uso das palavras de Freire (2002):

“No tempo em que trabalhei como técnico de uma equipe de hóquei sobre patins, cujos atletas eram adolescentes, procurava estimulá-los a experimentar, durante os treinamentos, as muitas possibilidades de jogadas em cada situação, para que um dia pudessem escolher o melhor jeito de jogar, que seria, não tenho dúvidas, o jeito próprio de cada um. Na verdade, eu esperava que meus treinamentos fossem aulas em que os jogadores, experimentando os diversos jeitos de resolver cada situação, encontrassem os mais adequados e descobrissem a si mesmos. Tentei ensinar cada um a ser ele mesmo. Acho que consegui com alguns, com outros não. Posso manter minha convicção, portanto, de que o jogo constitui um terreno bastante fecundo para a provocação de novos possíveis, conseqüentemente, mais chances de escolha, portanto, mais autonomia e identidade, porque o jogo é, sem dúvida alguma, um campo particularmente favorável, não exatamente para criação do conflito, mas para seu enfrentamento e superação.” (FEREIRE, 2002, p.106)

Há uma diferença gritante entre a forma que esse autor ensina com o que presenciamos diariamente, infelizmente. Porém, esse quadro é reversível, basta à iniciativa de profissionais capacitados, dotados de um conhecimento atualizado, cientes da árdua tarefa que é ensinar, assim como sua responsabilidade, que o cenário atual pode ser revertido. Por isso, mais uma vez mencionamos Balbino (2005) que, ressalta as palavras de Bota e Colibava-Evulet (2001) e alguns outros autores, contemplando tudo que foi discutido:

“Bota e Colibava-Evulet (2001) julgam que o técnico deve possuir uma série de aptidões para a função, como capacidade de motivar, boa conduta moral, conhecimentos de educador, aptidões de psicólogo, inteligência verbal, raciocínio lógico, aptidões de dirigente e organizador, capacidade de gestão de pessoas, conhecimento profundo das ciências do esporte. Em síntese, pelas colocações dos autores (MESQUITA, 2000; BOTA e COLIBABA-EVULET, 2001; VERKHOSHANSKI, 2001) o técnico esportivo, nesta visão da complexidade do processo de treinamento, envolve um conjunto diversificado de habilidades para interagir com os elementos que compõem o ambiente do esporte profissional, o que exige o desenvolvimento de um amplo espectro de competências.” (BALBINO, 2005, p.97)

Essa complexidade citada pelo autor está presente em todo processo de treinamento, desde o jogo até quem organiza os times (dirigentes do clube). Mas o maior

responsável por todo esse processo será sempre o professor/treinador, pois é ele que dirige o time, está à frente do comando da equipe. Uma pedagogia ideal, uma metodologia eficiente e uma didática diferenciada serão fundamentais para proporcionar um **ambiente de aprendizagem no futebol**, rico em estímulos, de forma a potencializar o aprendizado. Daí toda sua importância e conhecimento que deve ter como líder e educador.

2.5.5. Ambiente de Aprendizagem no Futebol

“No jogo aprendemos o que é preciso treinar”

(Krauspe/Rauhut/Teschner)

Todos aqueles fatores de intervenção na aprendizagem serão fundamentais para a construção de um ambiente saudável, um meio facilitador da aprendizagem, que possibilite o jogador desenvolver ao máximo todas suas competências e habilidades.

Segundo Amandio Graça (1995), o condutor da aprendizagem deve ter conhecimento e capacidade de tratar aquilo que se deseja ensinar como uma matéria de ensino, *“de modo a torná-la apresentável e susceptível de proporcionar experiências de aprendizagem seguras, válidas e significativas aos alunos”*, buscando sempre melhorar a compreensão deles para o jogo, visando melhorar sua participação nele. Tudo isso vai exigir do professor/treinador um olhar complexo e apurado, fazendo um entrelaçamento dos conteúdos dos jogos com a pedagogia em geral (processo de ensino e aprendizagem), dos alunos e dos contextos educativos (GRAÇA, 1995, p.29)

Corroborando com esse pensamento, Alcides Scaglia (2003) traz a idéia de que o professor/treinador de futebol deve proporcionar ao aluno/atleta um Ambiente Ideal para a Aprendizagem, onde possam ser exploradas todas suas capacidades, de forma a *potencializar o aprendizado*. E aproveitando ao máximo a duração da aula, será possível *otimizar o tempo de preparação*. Esse Ambiente de Aprendizagem deverá proporcionar aos alunos uma *aprendizagem significativa*, fazendo o aluno assimilar conhecimentos e conquistar sua autonomia, seu jeito próprio de ser/agir.

Para João Batista Freire (2002), as pessoas formam-se ao longo da vida, de acordo com as experiências proporcionadas a cada instante pelo seu meio ambiente. E considera ainda que somente poderá fazer escolhas a pessoa que tiver o que escolher, lembrando que aquela que tiver maior disponibilidade de opções tem mais chances de escolha. Por isso, pensando num ambiente de aprendizagem, este deverá proporcionar um leque amplo de opções, nas mais diversas situações, possibilitando o aluno/atleta decidir o que achar mais adequado para solução

daquele problema. Esse autor, então, enfatiza a importância do desenvolvimento da autonomia dentro de um ambiente de aprendizagem:

“Tenho por mim que um dos objetivos primordiais da educação é ensinar as pessoas a serem elas mesmas. Com frequência pergunto a meus alunos se eles acham que uma pessoa que jogasse futebol como Pelé seria um excelente jogador. Em geral todos concordam que sim. Retruco dizendo que seria impossível. Pelé foi genial exatamente porque descobriu um jeito Pelé de jogar bola. E mais, descobriu um jeito Pelé de ser, o que poderia resultar em outra que não o futebol. Mas seu jeito de ser achou no futebol o seu melhor jeito de viver, de realizar a vida. Um Pedrinho qualquer só poderia ser craque de bola se descobrisse o jeito Pedrinho de jogar. E cada um de nós, para nos realizarmos, precisaríamos descobrir nossos jeitos de ser.” (FREIRE, 2002, p.100)

Esse autor defende que, para ensinar mais que futebol e atender os princípios da aprendizagem do futebol tecnicamente bem jogado, é necessário que o treinador assuma procedimentos que levem o jogador a compreender as próprias ações. Sendo essa uma tarefa muito difícil, pois não depende exclusivamente do professor, muito menos do acaso, “*são necessárias técnicas pedagógicas para produzir compreensão sobre as ações práticas*” (FREIRE, 2003, p.93).

Numa sessão de treino o educador deve despertar no seu aprendiz a busca pelo aprendizado, o interesse em evoluir cada vez mais. Logo, o professor/treinador deve fazer seus jogadores entrarem em *estado de jogo*, pois somente assim vivenciaram o que o jogo está proporcionando, uma aprendizagem significativa (SCAGLIA, 2003).

Esse *estado de jogo* que Scaglia (2003) cita é o jogar plenamente, “entrar de cabeça” no jogo, entregar-se aos prazeres e desprazeres do jogo integralmente, viver aquilo como se fosse à única verdade. Para o aprendizado ser potencializado é fundamental fazer os jogadores atingirem esse *estado*, de forma a otimizar o tempo de preparação e explorar ao máximos suas capacidades. A fim de garantir que os objetivos traçados para a sessão de treino sejam atingidos, assim como um Ambiente de Aprendizagem, uma simples reflexão a cerca do estado de jogo dos jogadores (“*Os alunos/atletas estão em Estado de Jogo nesta atividade?*”), poderá suscitar mudanças nas regras iniciais da atividade. Essas mudanças deverão ser feitas tentando os fazer jogar plenamente o jogo que está sendo aplicado e vivenciar um ambiente de aprendizagem.

Durante o planejamento das aulas/treinos é importante pensar atividades/jogos significativas para os alunos/atletas, definir e estabelecer como são os Jogos. Para isso, todas as características do jogo anteriormente ilustradas pelas palavras de Huizinga (1999), devem ser consideradas para elaboração das atividades/jogos. Porém, essa construção do jogo continua durante a aplicação das aulas/treinos uma vez que muitas vezes se faz necessário que as atividades tenham suas regras reconsideradas e intervenções sejam feitas para que os alunos/atletas atinjam o estado de jogo. E então, teremos um Ambiente de Aprendizagem.

Scaglia (2003) defende que o Ambiente de Aprendizagem pode ser organizado através da utilização de jogos, pois considera que “*no jogo as máscaras caem*”, somos verdadeiramente a gente, sem cascas ou perfumaria. Dessa forma, a aprendizagem se torna mais fácil e significativa. Por isso, esse ambiente pode ser chamado também de *ambiente de jogo*, pois contém todas as características próprias desse meio (representação, desequilíbrio, imprevisibilidade e desafio), já citadas anteriormente e como podemos observar na Figura 2.

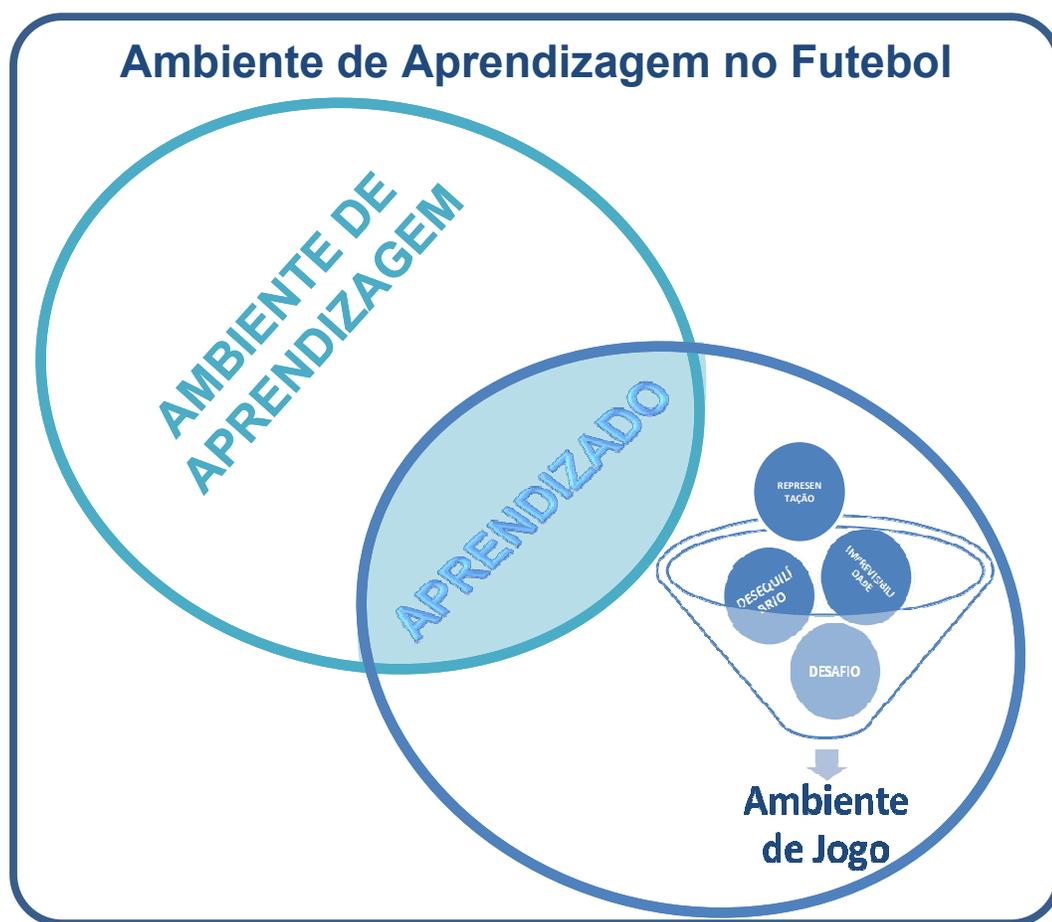


Figura 2 – Ambiente de Aprendizagem no Futebol (adaptado de SCAGLIA, 2003)

Como podemos observar na Figura 2, esse autor considera que o Ambiente de Aprendizagem no Futebol é a somatória do ambiente de aprendizagem com o ambiente de jogo, proporcionando assim um aprendizado significativo no futebol. Esse método de ensino/treino no futebol consiste de pressupostos que devem ser atingidos na aplicação da sessão de aulas/treinos para dessa maneira possibilitar que através dos jogos se conquistem os resultados técnico/tático/físico/emocionais pensados para a aula/treino.

Por isso, fazer uma *discussão sobre metodologias de treinamento do futebol* é de suma importância para evidenciar o papel desses métodos no processo educativo ao longo do tempo e, posteriormente, identificar melhor os possíveis métodos a serem dispostos no ensino/treinamento da modalidade atualmente.

2.6. Métodos de Treinamento no Futebol

“O segredo do sucesso no futebol poder ser sempre procurado no treinamento”
(Beenhaker).

O desenvolvimento de metodologias de treinamento no Futebol, assim como outras modalidades, foi influenciado por diferentes correntes de pensamento e por múltiplos conhecimentos científicos (GARGANTA, 1995). Isso quer dizer que, em “centros futebolísticos” específicos (por exemplo: América do Sul, América Central, Europa Ocidental, Ásia, África...), diferentes métodos de treinamento foram desenvolvidos. Consequentemente, o “jogar futebol” pelo mundo a fora é diferente. Pois as dinâmicas do jogo evoluíram de maneiras distintas, uma vez que nasceram e desenvolveram-se de acordo com as particularidades de cada “centro futebolístico” (LEITÃO, 2009).

Para discutirmos métodos de treinamento no futebol, é necessário, primeiro, entender a evolução do treinamento desportivo, para num segundo momento chegarmos ao futebol. Alexandre Apolo Silvério Lopes (2006), em sua Dissertação de Mestrado, comenta sobre a evolução histórica do treinamento desportivo ao longo do século passado:

“Silva (1985) propôs uma adaptação do treinamento considerada por quatro grandes períodos nos hábitos de práticas de treino, visando às diversas modalidades e apontando para o que se propõe para a atualidade: 1º período = GLOBAL: Modelo Global - treina-se competindo, *primórdios* do treino, joga-se logo se treina; 2º período = ANALÍTICO: Início do Modelo Compartimentado, treina-se dirigindo os estímulos a aspectos muito particulares e isolados; 3º período = ANALÍTICO, associando vários fatores: Ainda relacionado ao Modelo Compartimentado, treinava-se associando aos fatores que se verificavam ter coerência e que poderiam também vir a fazer parte daquele método como mais uma variante a ser compartimentada no treino. Treinamento dividido em partes isoladas surge no momento em que se entende que além de treinar separadamente a variante técnica, devem-se treinar também separadamente as variantes de ordem física, tática e etc; 4º período = INTEGRADO: Modelo Integrado, o qual, partindo da competição, treina-se considerando os fatores que determinam a sua eficiência, estabelecendo a sua inter-relação.” (LOPES, 2006, p.46)

Esse autor explica que no *Período Global* tinha-se uma preocupação exagerada com a técnica, com o gesto técnico do movimento; já no *Período Analítico* houve uma evolução nos métodos de treino e a preocupação passou a ser a execução do movimento; no segundo momento do *Período Analítico* o foco passou a ser quantidade de trabalho, verificando-se quando e quanto pode-se treinar; e por fim vêm o *Período Integrado*, onde o conhecimento a cerca do SNC dá um grande salto, atraindo as atenções para como é dirigido o movimento. Sentiu-se, então, necessidade de aproximar o treinamento àquilo que acontece nos jogos, através de métodos que proporcionassem vivências mais verdadeiras (próximas à realidade do jogo).

O treinamento desportivo surgiu a partir do desenvolvimento das modalidades individuais (natação e atletismo), transportando meios e métodos de ensino/treino, sem considerar a especificidade estrutural e funcional dos JDC (GARGANTA, 1995). Por isso, chegou o momento de considerar novos estudos científicos a cerca do treinamento que defendem alguns princípios, dentre eles a especificidade.

A falta de especificidade nos treinamentos pode atrapalhar a evolução do atleta de acordo com a modalidade, ou seja, treinos que diferem os exercícios do desporto ocupam o tempo de preparação com itens menos eficientes (BOMPA, 2002). Por isso, a moda agora é produzir treinos cada vez mais específicos para a modalidade em questão, com atividades e exercícios bem próximos aos que os jogadores enfrentam nos jogos.

Surgem então, especialistas nas mais diversas áreas, dentro da modalidade, visando “*separar para entender e treinar*” coisas cada vez mais específicas daquele desporto, para depois, em ordem contrária, “*juntar para voltar a ser real e competir*” (LOPES, 2006). Essa divisão do treinamento em partes (treinamento técnico, treinamento tático, treinamento físico, treinamento psicológico, treinamento sociológico, treinamento das leis e regulamentos...) é uma fragmentação do esporte, em busca de compreender e melhorar as partes, para em seguida juntar e melhorar o todo.

Alexandre Lopes (2006) considera o referido processo pouco preciso. Ao mesmo tempo em que busca uma maior especificidade separando as partes, ele se afasta desta, pois desconsidera a complexidade da inter-relação das partes na somatória do todo, sendo esse indivisível. Para ele, corremos “*o risco de criar e melhorar capacidades com grande dificuldade de adaptação ao serem aplicadas em competição, isso porque foram consideradas de forma isolada*” (LOPES, 2006, p.39).

Nessa nova etapa do treinamento, Bunker & Thorpe (1982) propõem um novo método de treinamento que, utilizava um modelo tático de ensino, pautado no desenvolvimento da consciência de jogo e da capacidade de tomada de decisão, por meio de jogos adaptados que proporcionassem o ensino da modalidade.

Essa proposta denominada Teaching Games For Understanding (T.G.F.U.), que significa ensino dos jogos para a compreensão, propõe a utilização cíclica dos jogos, o qual é apresentado e desenvolvido em uma seriação que busca o aumento de sua complexidade. Estes Jogos Esportivos Modificados, como eram chamados, eram desenvolvidos a partir de princípios táticos, bem diferente do modelo tecnicista e daqueles exercícios analíticos tradicionais. Esse novo modelo estava mais próximo à realidade encontrada nas situações de jogo. A exploração pelo aluno pode ser compreendida observando suas etapas:

- 1) **Jogo:** Diversidade de jogos, os alunos precisam uma variedade grande de atividades, de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento deles. Por isso, deve-se ter cuidado no número de crianças envolvidas naquele jogo, assim como se os problemas aos quais elas estão sendo submetidas estão adequados;
- 2) **Apreciação do jogo:** Para jogar e viver o jogo os alunos devem entender as regras, os limites espaciais e temporais, dominar a pontuação e conhecer as habilidades exigidas para a prática;
- 3) **Consciência tática:** Entender o mecanismo do jogo, maneiras e meios de criar e negar espaço no jogo. As opções táticas são mutáveis em um jogo, pois podem mudar para atender às necessidades daquele momento;
- 4) **Tomada de decisões:** Está ligada ao que fazer (tática) e como fazer (técnica), sendo que a previsão dos possíveis resultados é de suma importância para a tomada de decisões, visando um melhor rendimento no jogo;
- 5) **Execução das habilidades:** Ação que o jogo pede naquele momento, sendo a produção de um movimento pretendido para solucionar aquele problema. Uma vez que as habilidades essenciais para

o jogo não estão sendo bem executadas, deve-se preparar atividades que possibilitem o desenvolvimento da habilidade para dar sequência no jogo;

6) *Desempenho:* É o resultado de tudo que foi anteriormente citado, sendo medido a partir de critérios, que são independentes do aluno.

Nesse método, entende-se que o praticante passará por esse processo em vários momentos do jogo, desenvolvendo suas capacidades. Espera-se que os alunos comecem a entender e apreciar as condições necessárias para se jogar organizadamente. Pois é importante que os alunos entendam os conceitos básicos do uso de espaço, em consequência os conceitos de defesa e de ataque.

Porém, a utilização dos jogos esportivos de forma cíclica, que é a proposta do T.G.F.U., pode apresentar uma saturação uma vez que os alunos podem perder o interesse, não tendo motivação suficiente para jogar aquele jogo. Sendo o fim das possibilidades de evolução, do desenvolvimento por meio daqueles jogos.

Lopes (2006) complementa as idéias de Bunker & Thorpe (1982) buscando melhor respeitar as fases do desenvolvimento das crianças e jovens neles dispostos, apresentando a cartilha do futebol holandês (KNVB Holland, 1995). Citação que esclarece sua utilidade e necessidade como método de ensino/treinamento para o Futebol (apud LOPES, 2006, p.57):

a) Para crianças de 5 a 6 anos: propiciar Jogos de habilidade na qual direção, velocidade e precisão sejam importantes;

b) Para crianças de 6 a 11 anos: propiciar habilidades técnicas descobertas por situações simplificadas de jogos de futebol, instrução de questões técnicas;

c) Para crianças e adolescentes de 12 a 16 anos: propiciar o exercício de funções do time por zona e posição e instrução de assuntos técnico-táticos;

d) Para jovens de 17 e 18 anos: propiciar Jogos de Treinamento.

Essa proposta de ensino da KNVB Holland (1995) respeita um processo de formação gradual, capaz de levar em conta os diversos momentos do desenvolvimento humano, bem como o processual entendimento da modalidade esportiva em seu todo, ou seja, valoriza um Treinamento á Longo Prazo (TLP). Tal cartilha enfatiza aspectos pedagógicos, mas, sobretudo, preocupa-se com o aspecto biológico acrescido aos procedimentos metodológicos (apud LOPES, 2006, p.58)

Nos estudos sobre o ensino dos jogos desportivos, Amândio Graça e José Oliveira (1995), discutem que quem pretende ensinar os jogos desportivos coletivos, independente da modalidade, e optar por um método tradicional, uma via estritamente tecnicista e analítica, *“deve ter a consciência de que está a privar os praticantes dum conjunto de experiências lúdicas que só o jogo pode proporcionar”*.

Esses autores preconizam o ensino de uma modalidade coletiva pela tática, por meio de jogos, enfatizando algo que já fora amplamente abordado neste trabalho, que a prática pedagógica deve levar o homem a compreensão das suas ações, não sendo apenas reproduzidor de práticas tradicionais. Contudo, não podemos encarar como solucionadora do problema para o ensino do futebol, uma vez que coloca a tática a frente das outras dimensões, desconsiderando a complexidade de suas inter-relações.

Ainda com essa concepção, nasce em Portugal a denominada “Periodização Tática”, um método de treino para o futebol baseado na competição, preconizado pelo professor Vítor Frade. De acordo com este autor, o treino *“deve centrar-se na operacionalização de um “jogar” através da criação e desenvolvimento contínuo do Modelo de Jogo e, portanto, dos seus princípios”*. A partir dessa premissa, o processo de preparação no futebol desenvolve o modelo de jogo através dos princípios de ação (SILVA, 2006).

Segundo Marisa Silva Gomes (2006), esses princípios de ação são pautados nos princípios de jogo, que são as referências (intencionais) do treinador para resolver os problemas do jogo e por isso, expressam-se no comportamento dos jogadores. Para a autora a organização do ataque, da defesa e das transições, *“tem a ver com a distribuição dos princípios”*. No seu entendimento, trata-se de abordar os princípios dos vários momentos de jogo para que se expressem na matriz comportamental dos jogadores, ou seja, numa determinada organização coletiva para determinada situação (ofensiva ou defensiva).

Como podemos perceber, a periodização e programação do processo dão preferência à Tática, ou seja, *“regula-se no desenvolvimento de uma organização coletiva que sobre condiciona a variável física, técnica e psicológica”*. Dessa forma, acredita-se que uma dimensão é a mais importante, sendo esta capaz de condicionar todas as outras para aquilo que se acha necessário dentro de um processo de preparação. E esse processo está centrado na aquisição de determinadas regularidades no “jogar” da equipe, de acordo com Modelo de Jogo que se quer construir, através dos princípios de operacionalização deste modo de jogar, fazendo ser um Treino Específico.

Entende-se que Modelo de Jogo é um conjunto de orientações e regras de ação inerentes a uma organização do jogo, relacionadas com uma determinada forma de jogar que se pretende criar, constituindo-se assim como um “perfil” de jogo da equipe (GRAÇA e OLIVEIRA, 1995). O mesmo consiste no mapeamento de um conjunto de referências que respeitam os princípios definidos e vão de encontro com a lógica do jogo, necessárias para balizar a organização dos processos de organização ofensiva e defensiva, e transições ofensivas e defensivas. Resumindo, o modelo assume papel fundamental para o cumprimento da lógica do jogo (LEITÃO, 2009).

Levando em consideração toda essa complexidade do Modelo de Jogo, Frade (apud SILVA, 2006) afirma que o modelo de jogo de uma equipe vai além da maneira como ela irá jogar, está relacionada com a cultura de clube (pois influencia e é influenciada por ela), é a forma de pensar o processo de ensino/aprendizagem/treinamento dentro de um currículo de Formação... Enfim é Tudo.

Essa metodologia de treinamento parte de uma abordagem complexa e dinâmica, a partir de uma análise concreta de como se pretende jogar. Identifica-se com conceitos complexos e sistêmicos que o permitem compreender sem ter de mutilá-lo, indo de encontro com o paradigma atual e nos permitindo sonhar um novo rumo para o futebol (SILVA, 2006, p.106).

Todavia, é indiscutível que uma equipe, embora tenha uma excelente leitura tática do jogo, precisa apresentar atributos técnicos, físicos e psicológicos suficientes para colocá-los em prática (BARROS, 2008). Somente assim essa leitura de jogo privilegiada vai ser eficiente, se mostrará útil. Dentro de um processo de especialização esportiva, partir dessa concepção de treinamento, ou seja, preterir uma dimensão (seja ela tática, física, técnica ou psicológica) em detrimento das outras, seria desconsiderar a complexidade e a interferência delas entre si e no jogo.

Segundo Lopes (2006) cada ação realizada num jogo de futebol é consequência de vários fatores (técnicos, táticos, físicos e/ou psicológicos), expressos de forma global, que vão interferir no rendimento do aluno/atleta. Partindo desse pressuposto, com um conceito global e uma preocupação unificadora, esse autor defende a idéia do chamado Treinamento Integrado:

“O Treinamento Integrado fez surgir novas expectativas no sentido de um treinamento mais inteligente e menos desgastante, adaptando-se melhor tanto às exigências impostas aos adultos, quanto ao processo de formação colocado ao jovem por meio de jogos didaticamente dirigidos. É esperado, então, que os professores conheçam esta metodologia, respaldados pela literatura, como forma de respeitar sobretudo a maturidade e as capacidades de quem está em processo de aprendizagem, ou seja, visando o pleno desenvolvimento físico, mental e técnico-tático.” (LOPES, 2006, p.49)

Contrariando aquele caráter analítico, essa tendência designada “Treino Integrado” (onde os aspectos físicos, técnicos e táticos são desenvolvidos conjuntamente), oriunda dos países Latino-Americanos, procura promover uma maior semelhança com as exigências da competição conferindo uma grande importância ao Jogo e à sua especificidade.

Esse método de treinamento parte dos Jogos Esportivos Modificados de Bunker & Thorpe (1982), com jogos bem ajustados aos objetivos da aprendizagem pretendida, enfatizando o que o jogo tem de melhor, atividades abertas e globais. Essas atividades/jogos são capazes de proporcionar vivências reais, assim como resoluções de problemas aproximados aos que ocorrem no jogo. E através desse contexto de cooperação/oposição que o jogo real impõe, essa metodologia dá conta da complexidade do jogo de futebol, contemplando todas suas interfaces e proporcionando uma aprendizagem global.

Mesmo assim, existe ainda aqui no Brasil (o país do futebol?!), algo potencialmente perigoso no caminho do desenvolvimento de seu futebol. Por mais que se discuta em países como Portugal, Holanda, Espanha, França e Inglaterra uma teoria para a “*complexidade do complexo jogo*”, há ainda uma fragmentação daquilo que é tático, do que é físico, do que é técnico, do que é mental (LEITÃO, 2009). Em tempos de mudanças, no mundo globalizado em que vivemos, a atualização e o acompanhamento constante de tendências mundiais do treinamento nos mostram que a fragmentação não faz parte do paradigma atual.

Também é evidente que a formação dos jovens futebolistas brasileiros vem sofrendo profundas alterações. Antes o jogador se formava na rua, através dos jogos de bola com os pés, que gerando uma técnica corporal particular e uma série de outras consequências, proporcionavam *“um estilo peculiar de o brasileiro jogar futebol”*. No cenário atual essa cultura lúdica sofreu graves mudanças e está cada vez menos presente, devido ao fenômeno da urbanização e pela concepção de alguns treinadores (ex-jogadores) reproduzirem aquilo que eles vivenciaram quando jogadores (Metodologia Tradicional). Tudo isso serve para *“justificar a premente necessidade do desenvolvimento de metodologias que resgatem a nossa tradição lúdica de brincar com a bola nos pés, ressignificando-a em meio à sua sistematização, enquanto processo de iniciação e especialização no futebol”* (SCAGLIA, 2003).

Podemos perceber que pelo mundo a fora, tem se discutido novas metodologias de ensino e treinamento para a especialização no desporto futebol com intuito de aperfeiçoar a formação, potencializar o aprendizado e otimizar o tempo de preparação. Contudo, a falta de um pensamento complexo a cerca do processo de excelência esportiva na modalidade em questão e uma visão muito aquém daquilo que o jogo propicia e é em sua essência, proporcionam danos evidentes e irreversíveis no processo de formação integral e global dos alunos/atletas.

Dessa forma, os estudos do presente trabalho apontam para uma metodologia de ensino e treinamento para especialização (formação) esportiva no futebol, a qual é pautada na Pedagogia do Jogo. Justificada a partir das bases teóricas dos Jogos de Bola com os Pés, indo de encontro com a ruptura paradigmática (do cartesiano à complexidade) por meio de exercícios que são fractais do jogo, fazendo com que todas as dimensões do jogo (física, técnica, tática e psicológica) se manifestem simultaneamente no aluno/atleta de forma integral e interada. Buscando **formar um jogador inteligente de corpo inteiro.**

2.7. Formando um Jogador Inteligente de Corpo Inteiro

“O futebol é uma combinação de organização colectiva, mas de exaltação da capacidade individual” (Valdano)

A finalidade do processo educativo na formação do jogador se situa na obtenção de um aluno/atleta capaz de atuar por si mesmo (autonomia), utilizando seus conhecimentos e sua experiência a favor do cumprimento da lógica do jogo, logo, um jogador inteligente (BAYER, 1994).

No livro *“Cestas sagradas – lições espirituais de um guerreiro das quadras”*, Phil Jackson (1997) mostra como é importante desenvolver a autonomia dos jogadores na busca por um estilo próprio, que se identifica com quem joga assim como, quem joga se identifica com o “jogar”. *“Cada jogo é uma charada que tem que ser resolvida, e não existe resposta no manual”*, por isso é essencial estimular os jogadores a pensar e a resolver os problemas sozinhos.

Na hora do jogo, quem toma as decisões e resolve os problemas do jogo de imediato são os jogadores. Dessa forma, um treinador que tenha a pretensão de formar jogadores inteligentes, jamais fará por eles (dará respostas prontas), para não “pularem” alguma etapa importante do processo de treinamento. E para jogarem individualmente e coletivamente como o desejado, o entendimento e a compreensão sobre o jogo deverão ser construídos conjuntamente (professor-aluno ou vice-versa), para que no jogo o jogador saiba o que fazer (individualmente e/ou coletivamente) para solucionar os problemas circunstâncias que apareçam (SCAGLIA, 1999).

Segundo os apontamentos de Phil Jackson (1997), é possível treinar jogadores de modo que, pela metodologia aplicada, seja possível formar jogadores inteligentes, autônomos e vencedores. Sendo papel do educador, tomar conta do desenvolvimento da qualidade de seus pensamentos táticos, permitindo que eles acessem a evolução que pretenderem, mediante a educação disponibilizada para seguir caminhos futuros (BAYER, 1994).

Assim, baseado nas discussões apresentadas ao longo deste trabalho, pensamos que uma metodologia de ensino/treinamento dentro do processo de especialização no futebol, de acordo com as perspectivas atuais (evolução do treinamento), deve dar conta de formar um jogador inteligente de corpo inteiro. Inteligente porque precisa estar apto a adquirir novos

conhecimentos, assim como ter capacidade de se adaptar frente aos imprevisíveis desafios. E “de corpo inteiro” porque um processo de especialização deve pensar em tudo (contemplar tudo aquilo que vai afetar seu desempenho), não só em ensinar bem futebol, mas ensinar mais que futebol e ensinar a gostar do esporte.

Por detrás daquele menino “bom de bola” há um Ser Humano, que por si só é complexo, imagine agora ele exposto á um ambiente também complexo (jogo de futebol), precisando atingir o ápice de seu desempenho tático/técnico/físico/emocional que uma partida exige (Teoria da Complexidade), são inúmeros os fatores que podem interferir. Para um aluno/atleta virar um jogador profissional bem sucedido (jogar nos principais centros “futebolísticos”) precisa estar preparado, não só “dentro das quatro linhas”, mas em todo seu redor.

Dessa forma, um projeto de formação é de suma importância para o sucesso da especialização esportiva, uma vez que o modelo de jogo pode ser o norteador de todo o processo. Com princípios bem definidos e regras coerentes a formação a longo prazo (TLP), o Modelo de Jogo poderá orientar uma concepção de modelo de treino, assim como modelo de jogador e até mesmo um modelo de treinador (SILVA, 2006).

Os treinos vão então partir de um modelo de jogo, que vai de encontro com os conteúdos que foram pré-determinados a serem trabalhados por aquela equipe, de acordo com o planejamento anual, mas principalmente, levando em consideração o currículo de formação que se pretende que esse jogador atinja ao término do período de formação, visando sua inserção no mercado profissional (nível internacional).

Esse Modelo de Jogo da conta de toda complexidade inerente ao jogo e obedece aos princípios da aprendizagem, pois *“as estratégias mais adequadas para ensinar o futebol passam pelo recurso a formas motivantes, implicando o praticante em situações problema que contenham os ingredientes fundamentais do jogo, ou seja, a bola, a oposição, a cooperação, a escolha e a finalização”* (GARGANTA, 1995). Por isso, é desenvolvido e compreendido por meio de Jogos: pequenos (até um quarto de campo), médios (até dois terços de campo) e grandes (acima de dois terços de campo).

Além do cuidado com o tamanho do campo, tem que ser ter uma preocupação com o número de jogadores por campo: pequenos grupos (até três companheiros), médios grupos (até sete companheiros) e grandes grupos (mais de sete companheiros). Para que as características

do jogo sejam preservadas e a vivência daquele jogo seja significativa, indo de encontro com os objetivos traçados.

Segundo Scaglia (2003) o jogo como metodologia de ensino expõe o aprendiz a situações inusitadas (imprevisíveis), exige que ele se adapte constantemente. Essas adaptações exigem uma reorganização das estruturas internas de quem joga, logo, o jogador “volta” do jogo acrescido de alguma coisa, não é mais o mesmo (não vê o mundo da mesma forma). Assim, o jogo deixará o jogador mais inteligente.

A construção das situações de ensino-aprendizagem, dentro dessa metodologia pautada na Pedagogia do Jogo, obedece às fases de ensino e parti da hierarquização dos requisitos para jogar, ou seja, aquilo que o aluno já sabe e o que é fundamental saber. Essas situações devem adequar-se a faixa etária, nível de entendimento, grau de desenvolvimento, envolvimento do praticante e às exigências do jogo de futebol.

Para Barbanti (1988), exigir por demais de uma criança nas tarefas de um jogo pode ser um tanto complexo para ela, uma vez que não bastasse esta se preocupar com aquilo que é capaz de fazer, ainda existe o fato de sua atenção ter que acompanhar as movimentações dos companheiros de equipe, dos adversários e da bola no jogo. Segundo este autor, esta situação de observar a bola, companheiros e adversários obrigam a criança a calcular a direção, a distância e a velocidade antes de escolher a ação mais propícia à situação. Por isso, devemos verificar se o grau de exigências que o jogo e o professor/treinador estão pedindo, são compatíveis com o estágio de desenvolvimento deles.

O Jogo, em sua natureza, possui elementos *essenciais* que influenciam o ser que joga, criando uma relação complexa que determina o ato de jogar. Esses elementos são as *Competências Essenciais* do jogo desportivo coletivo, dizem respeito às articulações que os jogadores realizam dentro do jogo, entre si (com jogadores adversários ou da mesma equipe) e com o jogo. Essas interações, independentemente do nível de conhecimento do jogo, acontecerão sempre (independente do jogo/treino), porém o nível de compreensão do jogo vai determinar se ocorrem favorecendo um jogo mais ou menos elaborado (GARGANTA, 1997; SCAGLIA, 2003; LEONARDO et. al., 2009).

As *Competências Essenciais* do jogo de Futebol tem a ver com: **relação com a bola**, está associada à capacidade de interagir com ela, seja através da fundamentação técnica (passe, drible, chute, condução, manejo), seja através da capacidade de saber jogar sem a ela;

estruturar o espaço, também se manifesta quando o jogador está sem a bola, está intimamente ligado a capacidade de saber jogar coletivamente se posicionando bem em campo, tanto para atacar como para defender; e *comunicação na ação*, capacidade de “*ler o jogo*”, de antecipar as ações em função das necessidades da equipe e/ou em contraposição aos adversários (comunicar-se e compreender as ações sem que haja uma comunicação verbal).

Conforme podemos observar na Figura 3, essas competências formam um sistema complexo, interagindo uma com a outra de forma a uma depender da outra, sempre.



Figura 3 - As engrenagens das Competências Essenciais (adaptado de SCAGLIA, 2003).

A interação entre elas é complexa e se desenvolvem dentro de uma perspectiva sistêmica, ou seja, se uma evolui, as outras tendem a evoluir, porém se uma dessas competências não se desenvolver ao mesmo passo, acaba por comprometer a evolução geral do ser que joga. Por exemplo, um jogador que tem uma excelente *relação com a bola*, mas apresenta uma

dificuldade enorme para se posicionar em campo (*estruturar o espaço*), não conseguindo contribuir de forma efetiva para a equipe. Precisa urgentemente melhorar sua leitura de jogo (*comunicação na ação*), para aí aprender a movimentar e se posicionar adequadamente, para aí sim, fazer valer sua habilidade de se relacionar com a bola, mesmo sem estar com o domínio dela.

Essas competências essenciais do jogo vão ser trabalhadas ao longo do processo de especialização desportiva, por meio de exercícios que são fractais (pedaços que contém o todo) do jogo, a partir da concepção de quatro tipos de atividades/jogos (SCAGLIA, 2003; LEONARDO et. al., 2009):

- **Gerais** (ou Conceituais): São jogos que buscam ensinar os Princípios Operacionais dos Jogos Esportivos Coletivos de Claude Bayer (1994), fugindo às vezes da lógica do jogo em função de seus objetivos de ensino. Trabalham exclusivamente, conceitos e conteúdos no nível da aprendizagem, ou então, para conhecer assuntos ou reforçar conteúdos. Por exemplo: Jogo de Manutenção da Posse de Bola e Mobilidade. *Regras:* dois toques na bola; não pode devolver para quem fez o passe; cinco x cinco jogadores; um quarto (1/4) de campo; oito passes valem um ponto.

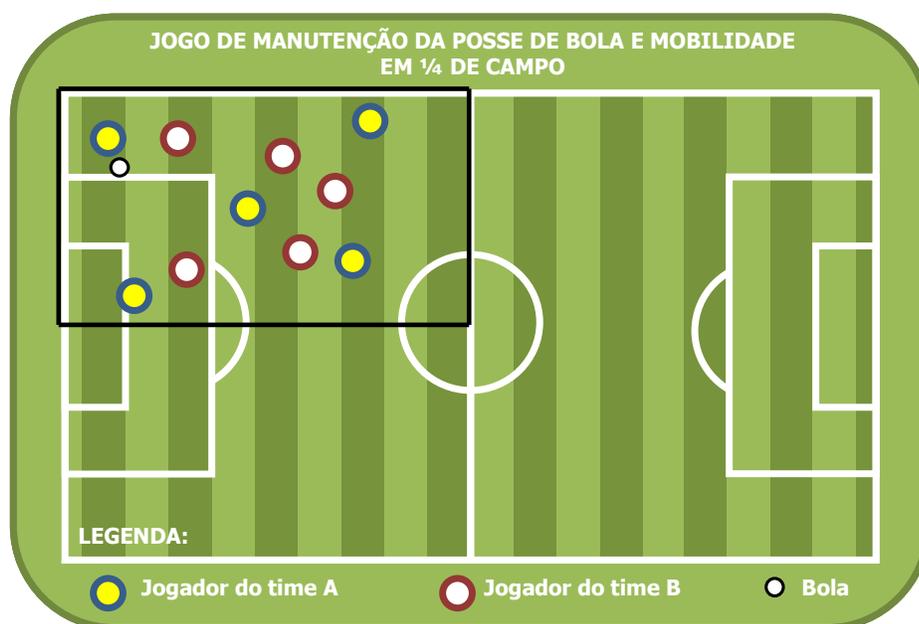


Figura 4 – Representação Esquemática de um Jogo Geral.

- **Conceituais em Ambiente Específico:** São jogos que objetivam trabalhar conceitos e conteúdos se aproximando ao máximo do ambiente de jogo. Buscam transportar o conhecimento adquirido nos jogos Conceituais para o jogo formal, dando uma maior importância ao cumprimento da lógica do jogo.

Por exemplo: Jogo de ataque ao alvo.

Regras: jogo formal (espaço e número de jogadores) só que a finalização no gol vale um ponto; gol de dentro da área vale três pontos; gol de fora da área vale cinco pontos.



Figura 5 – Representação Esquemática de um Jogo Conceitual em Ambiente Específico

- **Específicos:** São jogos teriam um apelo aos objetivos do público-alvo com que estamos trabalhando. Apresentam grandes semelhanças ao jogo formal e há uma busca constante pelo cumprimento da Lógica do Jogo. Joga-se respeitando as regras formais (estruturas, número de jogadores, espaços...) e obedecendo ao Modelo de Jogo planejado.

Por exemplo: Coletivo com as regras formais da categoria dando ênfase no Modelo de Jogo pretendido.

Referências (Modelo de Jogo):

- Esquema Tático (Plataforma): 1-3-5-2
- Transição Defensiva: Recomposição linha três (meio de campo).
- Defesa: Marcação em zona.
- Transição Ofensiva: Primeiramente retirar a bola da zona de recuperação (jogo horizontal) para em seguida buscar o ataque (jogo vertical).
- Ataque: Mantendo os setores, para jogar em amplitude e profundidade, podendo haver trocas de posição, mas sempre respeitando a plataforma, objetivando invadir a zona de risco adversária em busca da finalização (ataque ao alvo).

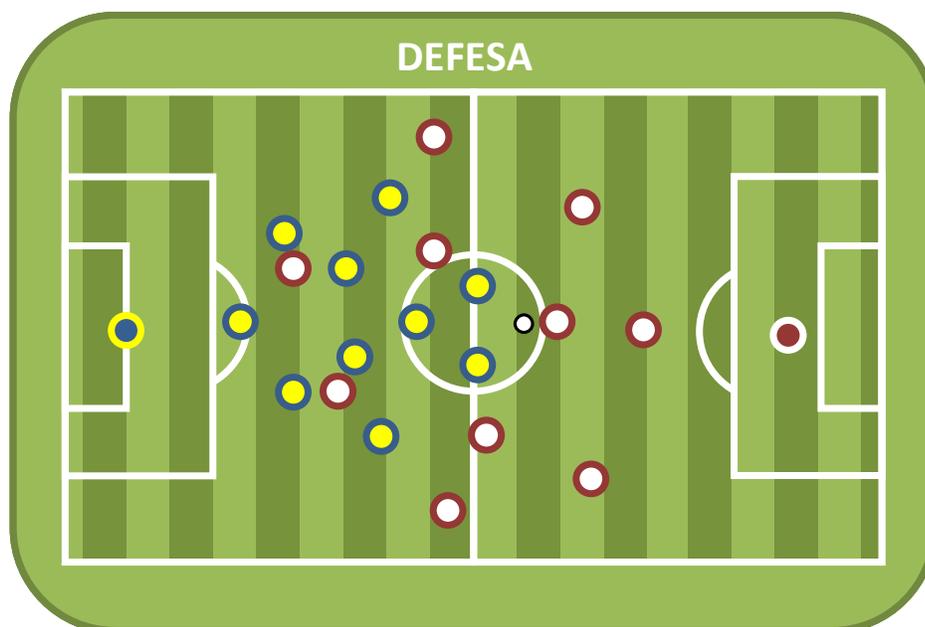


Figura 6 – Representação Esquemática de um Jogo Específico (mostrando a Defesa).

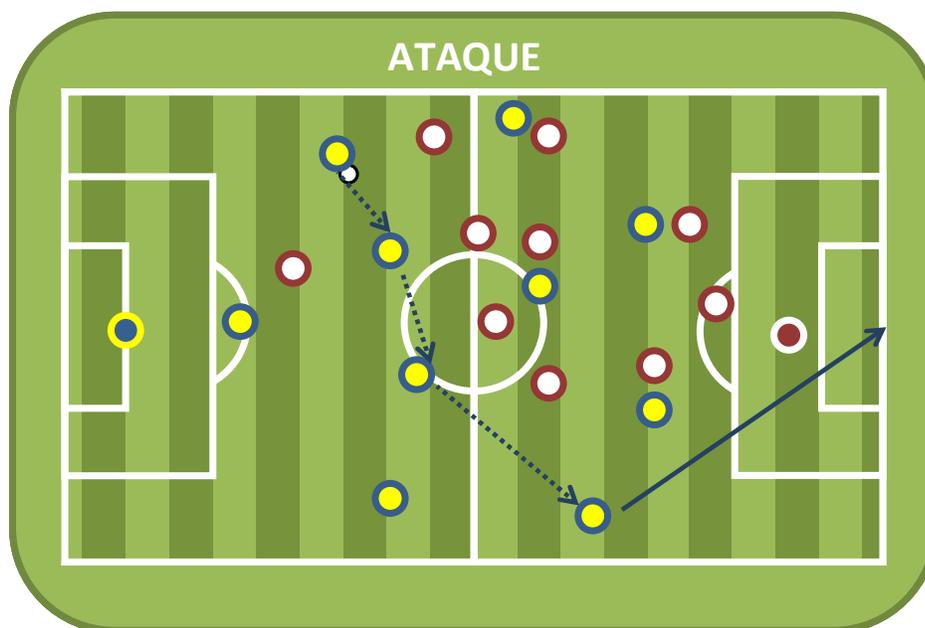


Figura 7 – Representação Esquemática de um Jogo Específico (mostrando o Ataque).

- **Contextuais:** São jogos que tem relação direta “*com os jogos do fim de semana*”, a partir dos estudos da equipe adversária e treinamento das potencialidades de nosso time em função do modelo de jogo adversário.

Por exemplo: Coletivo A (titulares) x B (reservas); time A joga aplicando o Modelo de Jogo proposto para aquela partida, explorando os pontos fracos do adversário e se precavendo para os pontos fortes do adversário; time B joga exatamente como a equipe adversária joga, seguindo a risca o Modelo de Jogo deles.

Essa concepção de jogos vem do CEAF (Centro de Estudos Avançados em Futebol), coordenado pelo Departamento de Pedagogia do Paulínia Futebol Clube (PFC). Esse novo Clube Formador tem o Jogo como principal forma de ensino do futebol (Metodologia Futebol Arte), a partir de uma sistematização curricular, que é o planejamento dos conteúdos que devem ser aprendidos (conhecidos, dominados e aperfeiçoados) durante o longo processo de formação.

Em cada categoria, de acordo com o nível de organização do jogo, objetivando a formação de um jogador de futebol inteligente de corpo inteiro (diferenciado no mercado profissional), são trabalhados conceitos pensando na: Lógica do Jogo, Competências Essenciais, Referências do Jogo de Futebol, Nível Estratégico, Funções no Jogo, Relação com Companheiros, Fisiologia e Saúde, e Apoio Didático.

3. Conclusão

“O melhor mestre para o treinamento é o jogo”

(Cramer)

Nosso estudo se deu a partir da conceituação de Jogo, buscando entender suas características, através de um olhar complexo e multifacetado, com foco nos seus aspectos pedagógicos, para posteriormente discutir uma metodologia de ensino/treinamento que contemple a Complexidade do Jogo de Bola com os Pés: Futebol.

Procuramos tratar aqui de vários aspectos inerentes a uma metodologia de ensino/treino do Futebol, com princípios e indicativos para a construção de um método de treinamento voltado à especialização. Tratando de aspectos presentes em sua prática, desde aspectos característicos dos JDC, como também outras dimensões que são determinantes para alcançar resultados (os objetivos) no contexto esportivo (TLP).

Ficou evidente que o professor/treinador tem papel fundamental, dentro do processo de formação desportiva, no desenvolvimento integral do atleta. A evolução do Futebol provocou a necessidade de contar com os conhecimentos advindos das ciências do esporte, a fim de permitir práticas mais elaboradas e procedimentos novos, visando o desenvolvimento máximo do atleta, maximizando o aprendizado e explorando todos os potenciais do jogador. Por isso, o conhecimento e a visão do agente transformador devem dar conta de integrar todo o conhecimento adquirido (métodos de treino, sistemas de jogo, pedagogia do esporte, didática...), à complexidade das informações contidas no jogo (ambiente instável e imprevisível) e fora dele (contexto geral).

Um professor/treinador que tem a pretensão de fazer sua ação pedagógica transcender o método precisa estar preparado para lidar com a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade do Esporte. Práticas de ensino que levem a redução do atleta ao ser biológico, sem considerar suas múltiplas dimensões, não serão capazes de transcender o método, pois isso somente será possível vendo o atleta de forma integral e global, como Ser Humano.

Traçando o quadro de evolução do treinamento desportivo mostrou-se que, análises simplistas e reducionistas (fragmentação do todo em partes, para entender as habilidades

motoras específicas), só permitiam intervenções pontuais e específicas de determinada parte do treinamento (isoladas e descontextualizadas), longe do que encontramos no jogo. Assim, a revisão da literatura revelou que o Treinamento Integrado seria a manifestação da fase mais atual de uma evolução pela qual os métodos de ensino/treinamento passaram ao longo dos anos no século passado.

Essa metodologia de ensino inclina-se para o procedimento estruturado, pois inclui situações semelhantes às de jogo, pensando na integração das quatro dimensões: física, técnica, tática e psicológica. Configura-se, portanto, a partir do pensamento divergente, em contextos flexíveis e situações ricas em variedade, desenvolvendo a inteligência de jogo por meio de exercícios/jogos que desenvolvem os jogadores nas quatro dimensões e estimulam uma solução ótima (melhor alternativa para resolver o problema). Tendo o Jogo como principal forma de ensinar, foi aqui discutida como Pedagogia do Jogo.

Mostramos que jogar garante uma aprendizagem significativa, pois expõe o aluno/atleta a situações competitivas reais, possibilitando que ele vivencie problemas semelhantes àqueles que serão enfrentados no jogo formal. É jogando que se aprende a “jogar”, lidar com situações de pressão (temporal, espacial, emocional...), torna-se mais inteligente (aumenta a capacidade de adaptar-se). Afinal, o Jogo integra num mesmo ambiente todas as exigências do futebol (física, técnica, tática e psicológica), de forma global e integrada, formando um jogador inteligente de corpo inteiro.

Além disso, as constantes adaptações que o jogo provoca no jogador, fazem com que ele aumente seu repertório motor (estruturas motrizes), possuindo um leque maior de opções na hora de resolver os problemas, pois se assemelham àqueles que foram vivenciados nos treinos.

Em virtude do exposto, concluímos que o ensino/treino do futebol demanda um conjunto de conhecimentos de elevada especificidade, que a intervenção do agente transformador deve ser direcionada para o treino de situações particulares em cada fase do jogo. Não podendo passar despercebido, nessa etapa de especialização, que pelo treino “[...] procura-se transmitir/assimilar, activamente, uma cultura de jogo, materializada num conjunto de regras de ação e princípios de gestão em relação com os diferentes cenários acontecimentais e, sobretudo, com as respectivas probabilidades de evolução” (GARGANTA, 2005, p.184).

Por isso, o planejamento de um currículo de formação deve contemplar um Modelo de Jogo para cada faixa etária, a partir de uma análise concreta de como se pretende jogar e o que se pretende ensinar ao longo da especialização. Essa metodologia de treinamento identifica-se com conceitos complexos e sistêmicos que permitem compreender o processo de ensino/aprendizagem/treinamento do jogo de bola com os pés (futebol) sem ter de mutilá-lo, indo de encontro com o paradigma atual e nos permitindo sonhar um novo rumo para o futebol.

Apresentamos aqui uma forma simples e direta do ensino do futebol e toda sua complexidade, seja pela complexidade das interações dos elementos do jogo, seja pelo complexo processo de ensino/aprendizagem/treinamento. Aplicar adequadamente os métodos discutidos nesse trabalho, visando uma especialização em futebol onde a continuidade da aprendizagem e o prazer do praticante são o foco, implica num vasto conhecimento teórico de conteúdos que sustentarão e orientarão a prática pedagógica dos professores/treinadores.

Esperamos ter deixado claro que além do treinador dominar os conteúdos táticos do jogo (organização ofensiva e defensiva, referências para transição defesa-ataque e ataque-defesa), a técnica necessária ao jogador (passe, drible, finalização, desarme, entre outros), a dimensão física que está envolvida (força, resistência, velocidade...) e os componentes psicológicos (que influenciam no emocional do jogador), será necessário entender como se inter-relacionam (pensamento complexo) antes de planejar um treino de futebol.

Assim, a melhor maneira para se ensinar a jogar bem futebol, pensando nas teorias da complexidade, em otimizar o tempo de preparação e potencializar o aprendizado, justificada por tudo que foi aqui apresentado, não poderia ser outra que a seguinte: fazendo o aluno jogar! Uma vez que o jogador (equipe) precisa estar preparado para resolver os problemas em situações emergenciais (perceber/decidir/agir) no menor tempo possível o tempo todo, isso somente será possível através de um modelo de treino subordinado ao jogo (ao todo), ou seja, por meio de exercícios que sejam fractais do jogo, que permitam a manifestação de todas as dimensões de forma integral e interada (levando em consideração toda sua complexidade), não apenas a dimensão técnica ou qualquer outra componente do jogo (parte dele).

Por último, citamos o trabalho desenvolvido nas categorias de base de um novo clube de futebol (PFC), instituição que desenvolve uma nova concepção de treinamento para o futebol (aqui no Brasil), com treinos pautados no modelo de jogo que se quer criar, buscando melhorar a inteligência coletiva e individual de jogo sob a perspectiva de quatro

dimensões do futebol (tática, física, técnica e psicológica) numa única sessão de treino. Essa nova tendência está de acordo com o paradigma emergente, o da complexidade, que preconiza que tudo está interligado (inter-relacionado), no qual nada, e nem ninguém, poderá ser compreendido em um ambiente isolado, hermeticamente fechado, sem interferências internas e/ou externas.

Finalizando, nossa proposta não tem a intenção de se transformar em um novo método de ensino, mas propor reflexões sobre novas possibilidades de prática, a luz do pensamento complexo, junto aos profissionais da área. Assim como ter ampliado a visão daqueles que não acompanham o dia-a-dia de um clube de futebol, mostrando como é complexo esse esporte, ainda mais pensando em ensiná-lo.

4. Referências Bibliográficas

“Um fator chave para atingir o sucesso é o bom senso”

(Carlos Alberto Parreira)

AOKI, M. S. **Fisiologia, treinamento e nutrição aplicados ao futebol**. Jundiaí - SP: Fontoura, 2002.

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: uma proposta em pedagogia do esporte**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____. **A pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARBANTI, V. J. **Treinamento Físico: Bases Científicas**. 2. ed. São Paulo - SP: CLR Balieiro, 1988.

BARROS, E. M. **Uma proposta metodológica para a especialização esportiva em futebol: o treinamento integrado**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

BARROS, T. L.; GUERRA, I. **Ciência do Futebol**. Barueri - SP: Manole, 2004.

BOMPA, T. **Teoria e Metodologia do Treinamento**. (Tradução Sérgio Roberto Ferreira Batista) São Paulo - SP: Phorte Editora, 2002.

BAYER, C. **O ensino dos Desportos Coletivos**. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 1994.

BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. **The Bulletin of Physical Education**.v.18, p.5-16, 1982.

CAPRA, F. **A teia da vida**. 6. ed. São Paulo - SP: Cultrix/Amaná-Kev, 2001.

CUNHA, M. S. V. **Educação Física ou Ciência da motricidade humana?**. Campinas - SP: Papyrus Editora, 1989.

DAOLIO, J. **Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer**. Brasília - DF, Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2002.

FIEDLER-FERRARA, N. **O pensar complexo: construção de um novo paradigma**. Universidade de São Paulo, Instituto de Física, São Paulo – SP, 2003.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas - SP: Autores Associados, 2002. Coleção educação física e esportes.

_____. **Pedagogia do Futebol**. Campinas – SP, Autores Associados, 2003.

GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto, Portugal: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

_____. **Modelação táctica do jogo de Futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto e de Educação Física). Faculdade de Ciência do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo - SP: Phorte Editora, 2001.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre – RS: Artes Medicas Sul, 1994.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA J. **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto, Portugal: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo - SP: Perspectiva, 1999.

JACKSON, P.; DELEHANTY, H. **Cestas sagradas — lições espirituais de um guerreiro das quadras**. Rio de Janeiro - RJ: Rocco, 1997.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4. ed. Revista e Ampliada, São Paulo - SP: Editora Atlas S.A., 1992.

LEITÃO, R. A. A. **O jogo de futebol: investigação de sua estrutura de seus modelos e da inteligência de jogo do ponto de vista da complexidade**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2009.

_____. Ciências do esporte aplicadas ao futebol: reflexões sobre a organização do jogo. 2008. **Livro didático de apoio**. Curso de especialização em futebol e futsal. Universidade Gama Filho, 2008.

_____. **A tática – o Código da Vinici (!?)**. 2009. Disponível: www.universidadedofutebol.com.br. Acesso em: 5 de março, 2010.

_____. **Futebol: um desporto tático-técnico-físico-mental**. 2008. Disponível: www.universidadedofutebol.com.br. Acesso em: 20 de abril, 2010.

LEONARDO, L. **O fim da preparação física?**. 2008. Disponível: www.universidadedofutebol.com.br. Acesso em: 03 de fevereiro, 2010.

LEONARDO, L. **Metodologia Futebol Arte: Descrição Metodológica, Fundamentos Teórico-Práticos e Proposta Curricular**. Material de estudo do Departamento de Pedagogia. CEAF - Centro de Estudos Avançados em Futebol - Paulínia Futebol Clube, 2009.

LEONHARDT, L. **O psicólogo auxiliando na qualificação do treinador: potencializando talentos no cotidiano de um clube de futebol**. Porto Alegre – RS, 2002.

LOPES, A. A. **Treinamento integrado como intervenção pedagógica no ensino do futebol**. Dissertação de Mestrado, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo - SP, 2006.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. 9. ed. Campinas - SP: Papyrus, 1990.

_____. **A relação entre a teoria e a prática**. 2007. Disponível: www.universidadedofutebol.com.br. Acesso em: 04 de fevereiro, 2010.

MONTAGNER, P.C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2003.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Coleção: Epistemologia e Sociedade. Instituto Piaget, Paris, 1990.

_____. **O método 1**. A natureza da natureza. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

PARREIRA, C. A. **Evolução tática e estratégias do jogo**. Brasília - DF: Escola Brasileira de Futebol, 2005.

PERCIA, A. **Excelência esportiva**. Rio de Janeiro - RJ: Brasport, 2002.

ROMERO, F.C. **Princípios Táticos del Fútbol. De Base y de Evolución**. Colômbia, 2006.

SANTANA, W. C. de. **A pedagogia do esporte e a moralidade infantil**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2003.

_____. de. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas - SP: Autores Associados, 2004.

SGAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1999.

_____. **O futebol e os jogo/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2003.

_____. **A família dos jogos de bola com os pés: bases teóricas**. 2009. Disponível: www.universidadedofutebol.com.br. Acesso em: 13 de setembro, 2009.

_____. **Para uma pedagogia crítica no futebol**. 2009. Disponível: www.universidadedofutebol.com.br. Acesso em: 19 de julho 2009.

SILVA, J. **Método Silva de controle mental para alcançar o sucesso nos esportes**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SILVA, M. **Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Tática** – um Estudo de Caso – Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2006.

_____. **O desenvolvimento do jogar, segundo a periodização tática.** Espanha: Mcsports, 2008. Coleção preparação futebolística.

TAVARES, F. **O ensino dos jogos desportivos.** 2. ed. Porto, Portugal: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

_____.; FARIA, R. **O jovem praticante de desportos coletivos como processador de informação – implicações nos processos metodológicos do treino.** Lisboa, Portugal, 1993.

TEODORESCU, L. **Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos,** Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 1984.

THOMAS, A. **Esporte. Introdução à psicologia.** (tradução Maria Lenk), Rio de Janeiro – RJ: Editora ao Livro Técnico, 1983.

ZAGO, L. **A essência tática (e/ou complexa?) do jogo de futebol.** 2009. Disponível: www.universidadedofutebol.com.br. Acesso em: 05 de fevereiro 2010.

_____. **Jogar em ação ou em reação.** In: 10º encontro do Centro de Inteligência e Estudos do Futebol Tático. Campinas: Ciefut. 2008.

WEINECK, J. **Futebol Total: o treinamento físico no futebol.** São Paulo - SP: Phorte Editora, 2000.